



Deixa eu te contar!

curso de contação de histórias



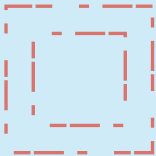
purandu



editora
UEA

Deixa eu te contar!

curso de contação de histórias



purandu

purandu é uma série da *editora*UEA dedicada à publicação de obras de caráter didático. O mesmo que “perguntar” em Nheengatu, língua geral amazônica, a palavra purandu invoca um aspecto indispensável para o processo de aprendizagem: a busca pelo saber.



Governo do Estado do Amazonas

Roberto Maia Cidade Filho
Governador

Universidade do Estado do
Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib
Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-reitora

*editora*UEA

Isolda Prado de Negreiros
Nogueira Horstmann
Diretora

Maria do Perpetuo Socorro
Monteiro de Freitas
Gerente

Wesley Sá
Editor Executivo

Raquel Maciel
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira
Horstmann (Presidente)

Adriana Távora de Albuquerque Taveira

Carlos Mauricio Seródio Figueiredo

Gislaine Regina Pozzetti

Josefina Diosdada Barrera Khalil

Katell Uguen

Orlem Pinheiro de Lima

Silvia Regina Sampaio Freitas

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo

Conselho Editorial



Carolina Brandão Gonçalves
Evany Nascimento
Maria Lúcia do Nascimento de Oliveira
(orgs.)

Deixa eu te contar!

curso de contação de histórias



purandu



editora
UEA

Wesley Sá
Coordenação Editorial

Raquel Maciel
Assistência Editorial

André Teixeira
Revisão

Iasmim Rodrigues
Rebekah Pereira
Projeto gráfico

Sílvia Cavalcanti
Diagramação

Sílvia Cavalcanti
Finalização

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

D324
2026

Deixa eu te contar: curso de contação de histórias/ Organização: Carolina Brandão
Gonçalves; Evany Nascimento e Maria Lúcia do Nascimento de Oliveira. 1. ed. –
Manaus (AM): Editora UEA, 2026. 156 p.: il.; [E-book].

ISBN 978-85-7883-835-5

Inclui referências bibliográficas

1. Educação infantil. 2. Processos de ensino. 3. Estratégias pedagógicas. I. Gonçalves,
Carolina Brandão (org.). II. Nascimento, Evany (org.). III. Oliveira, Maria Lúcia do
Nascimento de (org.). IV. Título.

CDU 1997 - 371.3

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota-11/CRB 484



editoraUEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 99205-8858
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

Sumário

8

Prefácio

10

Apresentação

13

A contação de história como fenômeno cultural

*Carolina Brandão Gonçalves
Ricardo Lopes*

25

Bibliotecas contam histórias

*Katty Anne de Souza Nunes
Soraia Pereira Magalhães*

40

Contar história para quem?

Carolina Brandão Gonçalves

50

Contar história para quem? Tecendo memórias: A arte de contar histórias na primeira infância

*Argicely Leda de Azevedo Vilaça
Keila Neves da Mota
Maria Nelciane Alencar da Silva*

66

Clássicos da literatura infantojuvenil

*Evany Nascimento
Valdemir Oliveira*

97

As narrativas regionais do Brasil

*Katty Anne de Souza Nunes
Ricardo Lopes*

112

Histórias de assombração

Carolina Brandão Gonçalves

126

Selma Lagerlöf, primeira mulher a ganhar o Nobel de Literatura: algumas pitadas de medo

Soraia Magalhães

140

O cordel como contação de história: presença no curso “Deixa eu te contar”

*Maria Lúcia do Nascimento de Oliveira
Carolina Brandão Gonçalves*

151

Sobre os autores



Prefácio

Como um amante de boas histórias, quero começar te contando que existem obras que não nascem apenas do desejo de escrever, mas da necessidade humana de resistir, sentir e continuar acreditando na força que a palavra carrega. Deixa eu te contar! é uma dessas obras.



Concebido em um tempo de incertezas, quando a pandemia espalhou medo pelo mundo e nos obrigou a reinventar a forma de viver, este livro surge como um convite para recordar que contar histórias sempre foi uma das mais belas artes da humanidade: uma forma de ensinar, acolher e manter viva a nossa essência.

Ao percorrer estas páginas, o leitor encontrará reflexões sobre a contação de histórias como fenômeno cultural, sua presença nas bibliotecas, seu encontro com a primeira infância, as narrativas regionais, a literatura infantojuvenil e tantas outras expressões que revelam o poder transformador da palavra.



Confesso que, ao ler esta obra, fui levado às lembranças de minha querida Vovó Miquinha, que reunia a família e nos presenteava com histórias simples, mas profundas, daquelas que correm de geração em geração como as águas dos rios amazônicos: carregando memória, afeto e pertencimento.

Talvez esteja justamente aí a grande beleza deste livro: lembrar-nos que as culturas sobrevivem porque existem pessoas dispostas a contar, ouvir e perpetuar histórias. E enquanto isso acontecer, a humanidade continuará encontrando caminhos para permanecer viva.

Raimundo Brilhante

Pedagogo, pesquisador, escritor, músico e
contador de histórias da Amazônia



Apresentação

Contar histórias tem sido um modo de expressar a inteligência sobre o mundo desde os primeiros tempos. Antes da escrita, a arte de narrar os fenômenos e representar o imaginário, a partir das contações orais, constituiu uma estratégia de preservar e difundir os saberes produzidos pelas culturas dos povos em diferentes regiões. A contação de histórias revela sentimentos, conhecimentos e experiências e, também, pode estender às gerações os valores e costumes de uma dada tradição.

Em tempos de “Pandemônio”, por conta da Pandemia do Covid-19, relembrar os clássicos da literatura universal, conhecer as histórias amazônicas e da cultura brasileira, discutir sobre quem são os públicos das contações, como reagem a experiência de ouvir e contar histórias nos parece uma forma de atravessarmos esse momento difícil de susto, medo e tristeza que o vírus instaurou na sociedade.

Esta obra é o resultado de um esforço coletivo de artistas, professores e alunos na criação e desenvolvimento de um curso de contação de histórias intitulado “Deixa eu te contar!”, realizado no ambiente virtual da Universidade do Estado do Amazonas, em parceria com o Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas, no ano de 2020, no contexto de isolamento social, em razão da pandemia de Covid-19.

O curso foi produzido com um material todo autoral, entres os recursos disponibilizados no AVA do “Deixa eu te contar!”, foram escritos textos teóricos e narrativos para ajudar a embasar os estudos. Àquela altura, em que as perdas humanas eram numerosas e o surto de saúde pública assustava a todos, o esforço dos autores dessa obra representou um ato de coragem e resistência diante do medo da morte que rondava a sociedade.

Assim, metaforicamente, podemos dizer que a escolha pela realização desse material foi uma opção entre viver ou morrer. A vida venceu e escolhemos produzir cultura, promover a arte, a literatura, a imaginação a partir do ato de contar histórias, apesar dos desafios enfrentados na pandemia. O material visa contribuir para a compreensão do fenômeno relacionado à contação de história, apresentar algumas estratégias que podem ser utilizadas para contá-las, assim como os diferentes gêneros da contação.

Acreditamos que disso decorre da importância dessa obra que, somente agora, três anos após a pandemia, conseguimos envidar esforços para trazer à tona esse material. Estamos cientes da complexidade que envolve o fenômeno da contação de história, assim, a presente obra está longe de pretender esgotar o assunto, mas visa colaborar com os estudos em torno do assunto.

O livro está organizado da seguinte forma:

A primeira unidade discute a contação de histórias como uma manifestação cultural relevante. O capítulo “A Contação de História como Fenômeno Cultural”, investiga as bases culturais e sociais dessa prática. Em seguida, o capítulo “Bibliotecas Contam Histórias”, examina o papel das bibliotecas como espaços que promovem e incentivam essa arte.

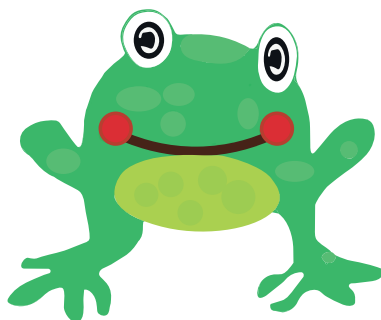
Na segunda unidade, o foco recai sobre o público-alvo da contação de histórias. O capítulo “Contar História Para Quem?”, explora a relação entre narradores e ouvintes. Já o capítulo “Contar História Para Quem? Tecendo Memórias: A Arte de Contar Histórias na Primeira Infância”, enfatiza a importância da contação de histórias na formação das crianças nos primeiros anos de vida.

A terceira unidade concentra-se nas narrativas que marcaram a literatura infantojuvenil e a tradição oral brasileira. “Clássicos da Literatura Infantojuvenil”, revisita grandes obras desse gênero. “As Narrativas Regionais do Brasil”, investiga a diversidade das histórias populares do país.

Além disso, a obra inclui o capítulo “Histórias de Assombração”, que aborda o fascínio pelo medo nas narrativas orais. “Selma Lagerlöf, Primeira Mulher a Ganhar o Nobel de Literatura: Algumas Pitadas de Medo?”, destaca a relevância da autora sueca no campo da literatura e seu uso de elementos assustadores. Por fim, “O Cordel como Contação de História: Presença no Curso ‘Deixa Eu Te Contar’”, examina a influência e a resistência da literatura de cordel na arte da contação de histórias.

Este livro visa contribuir para os estudos sobre a contação de histórias, abordando seus múltiplos perfis e impactos na cultura, na educação e na literatura. A diversidade dos temas tratados reflete a riqueza dessa prática, essencial para a formação leitora e para a construção do imaginário coletivo.

As organizadoras.



A contação de história como fenômeno cultural

*Carolina Brandão Gonçalves
Ricardo Lopes*



Nas suas jornadas pelo mundo, o homem foi aprendendo, pouco a pouco, a se relacionar com o meio, conhecer os perigos e interpretar os sinais da natureza, os trovões indicando chuva, o calor, os tempos de seca, o frio, as mudanças do clima. Muitos desses elementos naturais foram recebendo nomes e explicações e passaram a fazer parte de um repertório de conhecimentos que ajudaram a humanidade a dominar o ambiente, algumas vezes hostil do território.

No início, essas informações podiam ser registradas mediante o desenho, uma das primeiras formas de contar histórias, mas à medida que o homem desenvolveu a capacidade de falar, foi, também, criando outras maneiras de registrar os acontecimentos e os fenômenos da vida. “As histórias surgem por meio dos gestos, dos sons, dos desenhos nas cavernas e nas pedras, das palavras, dos textos escritos, entre outras possibilidades” (Costa, 2019, p. 17).

Pode-se dizer que a contação de histórias tem sua origem na necessidade humana de explicar as coisas e transmitir às gerações vindouras os ensinamentos adquiridos pela existência no mundo, a fim de assegurar as aprendizagens que julgam necessárias para novos avanços no campo do saber. “A humanidade cria histórias sobre tudo o que vê, imagina, sente e percebe do mundo” (Costa, 2019, p. 17).

Contar histórias, então, tem sido mais que um ato de explicar os fenômenos e registrar o aprendizado para poder transmiti-los, é também uma maneira do homem adquirir segurança e domínio na conquista pela própria existência.

Desse passado longínquo até os dias atuais, a humanidade aperfeiçoou a capacidade de narrar os acontecimentos e explicar as coisas.



Do homem primário, isolado, nômade e errante no planeta a humanidade evoluiu para a vida em comunidades, onde essa convivência em grupo exigiu o desenvolvimento de normas, valores, sistemas de pensamentos e atitudes que podemos chamar de cultura. Um passo gigante para a inteligência humana.

O conceito de cultura, entretanto, é demasiado complexo e objeto de investigação de diferentes escolas de pensamento, não sendo objetivo deste texto adentrar nas particularidades dessa temática. Tomamos por cultura o significado atribuído pelo Dicionário on-line (2020): “conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade [...] normas de comportamento, saberes, hábitos ou crenças que diferenciam um grupo de outro: provêm de culturas distintas”¹.

No que diz respeito à contação de história, a regularidade com que a experiência tem sido praticada na sociedade, suas diferentes formas de expressões, que variam ao longo do tempo e adquirem matizes diversos, de acordo com as realidades também diversas, demonstra que essas narrativas contribuem para o desenvolvimento do capital cultural da humanidade.

O desenvolvimento e sofisticação do pensamento e do espírito humano pode ser atribuído à capacidade de aprender e acumular saberes, mas especialmente de partilhá-los. Nesse sentido, a contação de história tem contribuído significativamente para o aumento dessa inteligência e sensibilidade.

Se antes as contações de histórias se mantinham vivas na voz dos contadores, que, de geração em geração, acrescentavam ou retiravam elementos das narrativas e utilizavam técnicas mnemônicas para que o público fosse capaz de recordá-las, com a invenção do alfabeto e

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cultura/>.



mais adiante a criação da imprensa, as mensagens passaram a ter um caráter mais constante, pois o livro ajuda a preservar as informações originais, ainda que a interpretação subjetiva dos leitores continue a subverter a objetividade que o contator almeja repassar.

Arendt (2009) nos lembra um poema sobre o banquete de casamento de Zeus, que perguntou aos deuses se faltava algo na festa, pelo que lhes pediram a criação de outros seres divinos, capazes de embelezar grandes obras com palavras e músicas. “Os novos seres de qualidades divinas eram os poetas e os bardos (contadores de histórias), que ajudavam os homens a atingir a imortalidade” (Arendt, 2009, p. 152).

Assim, a mitologia ressalta a importância da poesia e da contação de história como capacidade que permite a transcendência do espírito humano. O ato de contar, ler e ouvir histórias são expressões subjetivas, diante de um contador e seu público.

A contação de história, como fenômeno cultural, envolve vários sujeitos, em condições diversas, o contador que, mediante o ato de contar, incita a imaginação do ouvinte, e este, por sua vez, em princípio “não agente”, põem em operação o pensamento. Para Arendt (2009), já que os homens aparecem em um mundo de aparências, precisam de espectadores, que tomados de pensamentos de admiração os põem em palavras. “Sem espectadores o mundo seria imperfeito” (Arendt, 2009, p. 152). Para Costa (2019, p. 19): “Cada pessoa percebe e sente algo diferente por meio das histórias que são contadas ou ouvidas, pois existem duas intencionalidades, a de quem conta a história e a de quem a ouve”.

Vivemos em uma sociedade inegavelmente sofisticada do ponto de vista das inovações tecnológicas, em que a palavra adquire formatos variados, extrapola o texto impresso e navega nas asas da Internet, a



partir das nuvens do fluxo das redes de informação e comunicação, do mesmo modo coexistem formas diversas de contar histórias. Pode-se encontrar as mesmas narrativas contadas nas perspectivas mais tradicionais, como as histórias de boca (contação oral), o uso do livro impresso, até mediante os suportes tecnológicos, como audiovisual, podcast, audiobook, entre outros recursos.

Nesse texto, desejamos destacar a contação de história como um fenômeno cultural, portanto amplo, múltiplo, transversal, que pode ser entendida de modo diferente, a depender dos grupos e pessoas que dela fazem uso. Para Café (2000, p. 10), “a arte de contar histórias pode ser entendida como uma atividade cultural ainda viva em nossos dias, embora de forma diferente, em razão da complexidade das sociedades atuais”.

Para uns, contar histórias é uma arte, uma ciência, para outros é um modo de comunicar e de ajudar as pessoas a aprenderem, pode ter caráter de mero entretenimento, mas também possuir objetivos de ensino, aquisição de valores e princípios e até mesmo fins terapêuticos.

Os contadores de histórias não necessariamente precisam ser profissionais, a própria gênese da contação de história demonstra que essa condição nem mesmo existia. Quem não se recorda de uma avó, tia, mãe, alguém da família ou próximo que gostava de contar histórias e nem mesmo sabia escrever? Também não há idade para contar e ouvir histórias. O público da contação, ao contrário do que muitos pensam, vai além das crianças, mas os jovens, adultos e idosos também podem gostar de contar e ouvir histórias.

Hoje, contar histórias não é mais passar e resgatar ensinamentos de uma geração para outra. A contação de histórias vem ganhando espaço, agradando a todos pelo



simples prazer de ouvir, por aguçar a curiosidade, desafiando o imaginário das pessoas, não havendo um tipo único de ouvinte ou um estereótipo de contador (Consulin, 2015, p. 04).

No entanto, hoje em dia existem muitas pessoas que se dedicam a estudar a contação de história e mesmo se profissionalizam nessa atividade, mediante cursos e oficinas. “A figura do contador de histórias reapareceu com grande vigor nas últimas décadas do século XX, havendo um verdadeiro boom, com a ampliação do número de pessoas interessadas em aprender técnicas desta ocupação” (Fleck, 2007, p. 01).

Onde se contam histórias?

No que se refere aos lugares onde acontecem as contações de história são igualmente múltiplos, em casa, no quintal, debaixo da árvore, na rua, nas praças, nas instituições de cultura, nas escolas, bibliotecas, na Internet, nos Museus, universidades e até mesmo nos hospitais.

Sobre esse último nos parece importante destacar a experiência realizada no projeto “Biblioteca Viva em hospitais”, uma parceria do Ministério da Saúde com o Fundação Abrinq, que pôs em relevo a mediação de leitura como técnica de contar histórias às crianças internadas.

A compreensão desta iniciativa foi de que se pode minimizar os efeitos adversos da hospitalização, mediante a humanização do atendimento em pediatria. “Quando se pensa no cuidado à criança hospitalizada, sob a perspectiva da atenção integral não se pode ficar limitado às intervenções medicamentosas ou às técnicas de reabilitação” (Ceribelli; Nascimento; Pacífico; Lima, 2009, p. 02).

A contação de história a partir da mediação da Leitura como uma estratégia pedagógica

Quando falamos em mediação de leitura, estamos nos referindo ao ato de compartilhar um momento prazeroso, no qual o leitor pode transmitir suas emoções através da voz e do olhar de forma gratuita e beneficiar aquele que tanto necessita de carinho e atenção. “O projeto prioriza o foco de atenção na criança e no adolescente, permitindo-lhes escolher e participar ativamente do momento proposto, mas envolve, também, pais e funcionários, proporcionando vivências e trocas importantes a partir das narrativas e dos livros de literatura infanto-juvenil” (Ceribelli; Nascimento; Pacífico; Lima, 2009, p. 02).

O mediador de leitura, ao abraçar a função, tem uma grande responsabilidade sociocultural, ele é uma ponte entre o livro e o ouvinte, todo o conteúdo colocado naquele objeto passa por ele, que tem a missão de utilizar-se das mais diversas técnicas de contação de história para prender a atenção da criança ou jovem hospitalizados. Ceribelli; Nascimento; Pacífico e Lima (2009, p. 03) contam uma experiência. Segundo os autores:

Todos afirmaram ter benefícios pessoais com a mediação de leitura para a criança hospitalizada e relataram interessar-se pelo projeto por necessidade de fazer algo pelo próximo. Alguns deles também tinham por hábito contar histórias para os próprios filhos.

Petit (2009) também destaca que uma história pode ser um acalento em situações difíceis da vida.



De maneira semelhante, Marc Soriano (filósofo francês do séc. XX) contou um dia como Pinóquio o ajudara, quando criança, a sobreviver à morte de seu pai e à grave anorexia que, em seguida, ameaçou sua vida. Ele teria “devorado, mastigado, ingerido, regurgitado Pinóquio”, no qual teria encontrado ao mesmo tempo o seu crime e a salutar revolta que lhe deu força para lutar contra o massacrante sentimento de culpa que a morte bastante real de seu pai ameaçava tornar irreversível e fatal (Petit, 2009, p. 17).

Percebemos o quanto a leitura geral e literária podem ser refúgio quando estamos vivendo crises pessoais, tanto na criação como na socialização da obra podemos contribuir e se alimentar de conhecimento. A autora traz na sua obra reflexões pertinentes e nos faz reforçar o quanto a leitura pode salvar vidas, são vários os casos de pessoas e grupos sociais que se utilizam de ambientes de leitura e ou sessões de contação de histórias pelo simples fato de celebrar a experiência do mito, do ocorrido, um dia em algum lugar. Acerca disso, Wada (2004) salienta:

Essa nova experiência mostrou-me como, em alguns momentos, em nome do pedagógico, deixamos de acreditar no educando, não dando espaço para que ele possa se desenvolver em sua potencialidade. Nem sempre o “controle pedagógico” é suficiente para assegurar uma boa aprendizagem e o desenvolvimento do aprendiz, pois existem outras formas de conceber e sistematizar o trabalho pedagógico, viabilizado pela alternância com a ação cultural (p. 22).



Quando a autora relata sua experiência em observar a atividade da mediação de leitura, tendo como transmissor uma pessoa sem uma qualificação voltada para o ensino-aprendizagem, podemos refletir o quão é rico acreditar na ação cultural, atividade essa muito prazerosa, como ferramenta fundamental na formação humana.

No livro *Biblioteca Viva* (2004), a mediação de leitura, diferente da contação de história, utiliza-se principalmente do livro como objeto completo e necessário, e conta com a presença do mediador de leitura como facilitador do processo.

A mediação de leitura é uma situação em que duas ou mais pessoas estabelecem uma relação por meio da leitura de histórias. Aquele que lê os livros está disponível para acompanhar o outro na escuta da história, acolhendo as colocações que possam surgir, sem a preocupação de intervir. Ele respeita assim, a forma, a distância e o ritmo de cada indivíduo para escutar e se expressar proporcionando um momento afetivo e prazeroso em torno das histórias e dos livros (Biblioteca Viva, 2004, p. 49).

O mediador de leitura não necessariamente precisa ter feito uma formação para desenvolver a atividade, o mais importante é que ele esteja disposto a colaborar incentivando que mais pessoas tenham essa experiência cultural. Vários projetos se utilizam desta metodologia, o “Mudando a História”, projeto de leitura da Fundação Abrinq, durante 10 anos atuou em algumas cidades brasileiras, incluindo Manaus-AM, formando jovens que atendiam crianças com sessões de mediação de leitura.



Em geral instaura-se um clima de descontração e liberdade em que as crianças ouvem ou leem os livros falam e comentam o que quiserem e não tem obrigação de apresentar um trabalho ou qualquer produto sobre a leitura feita. A mediação de leitura é realizada sempre da mesma maneira e destina-se a qualquer público. O que difere uma situação da outra é o contexto no qual ela acontece, instituições de vários tipos (creches, hospitais, escolas, etc.), espaços públicos ou privados. Por isso, antes de iniciar a atividade o mediador planeja as ações que pretende desenvolver de acordo com as características da instituição e do grupo a ser atendido (Biblioteca Viva, 2004, p. 49).

Quando lemos uma história literária imaginamos que ela foi inspirada em alguma vivência do autor, seja quando teve acesso a outras obras, podendo também terem sido criadas a partir de experiências reais ou imaginadas. Entendemos que a contação de histórias pode ter início neste processo de criação, portanto o milenar fenômeno cultural antecede técnicas mais atuais, que se utilizam dessa arte para trazer propostas que somam para a continuidade das histórias.

O contador de histórias, muito visto em apresentações artísticas, se utiliza da dramatização para transmitir a mensagem ao ouvinte, seus elementos ajudam no desenvolvimento do enredo e fazem com que as pessoas embarquem num mundo imaginário. Essa técnica muito utilizada pelos nossos antepassados, se mantém viva até os dias de hoje nas casas, escolas, ruas, teatros etc. Pais, avós, tios, professores, artistas costumam se caracterizar e usar objetos durante a contação de histórias, o uso do livro ou referência de onde se tira a história que será contada, acontece bem antes da atividade para poder se preparar com ideias e estratégias lúdicas. Uma história bem contada pode ficar gravada para sempre no repertório cultural dos envolvidos.

Referências

ARENDT, H. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAFÉ, J. S. *A arte da narrativa popular*. São Paulo: Editora Cultura, 2000, p. 10.

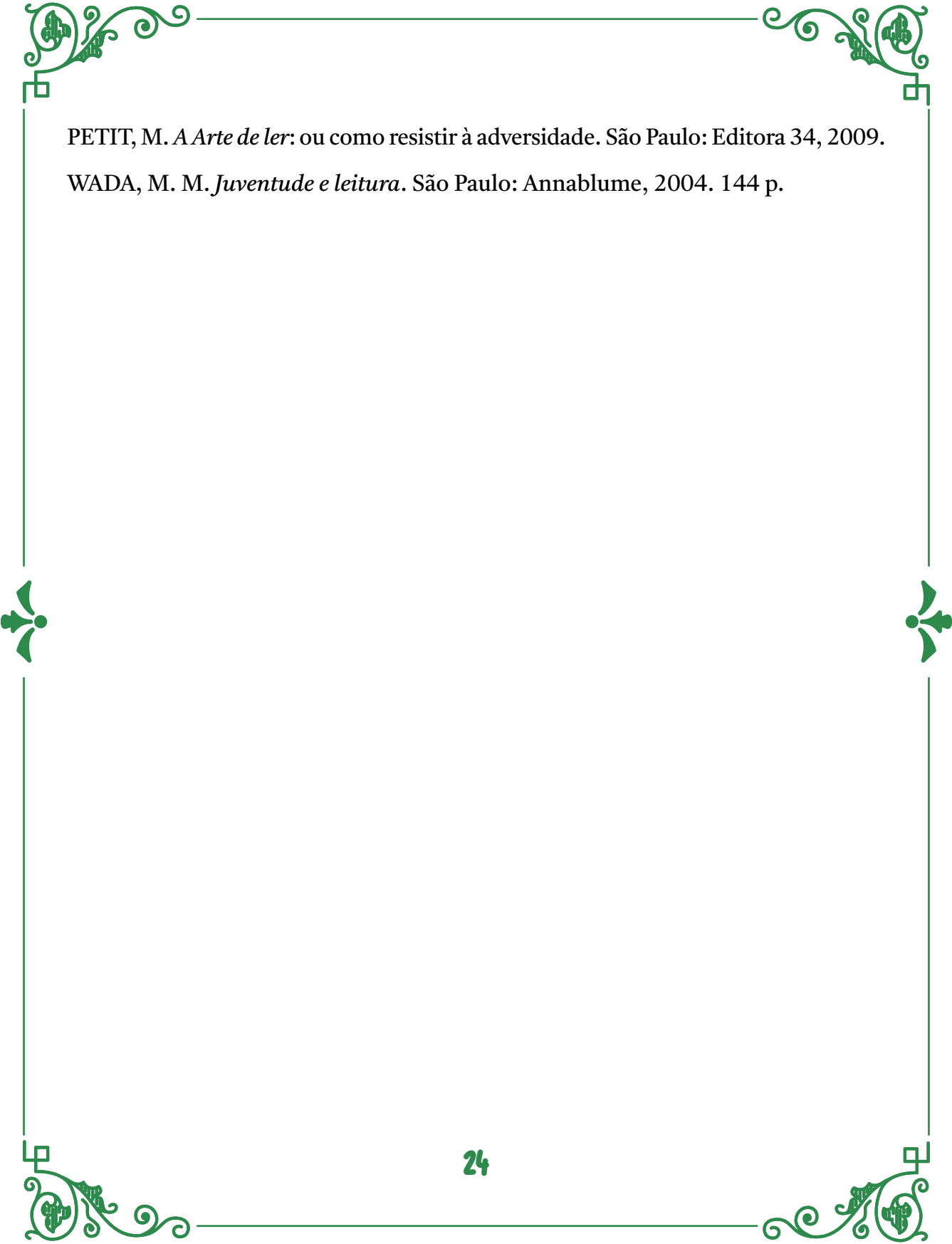
CERIBELLI, C.; NASCIMENTO, L. C.; PACÍFICO, S. M. R.; LIMA, R. A. G. A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças hospitalizada. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 81-87, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n1/pt_13.pdf. Acesso em: 06 jun. 2020.

CONSULIN, N. J. C. *Contação de histórias: quando a oralidade encanta*. Londrina, 2015. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_ped_artigo_nais-jaqueline_cordeiro_consulin.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

COSTA, V. Ancestralidade: o passado presente no ato de contar histórias. In: Governo do Distrito Federal Secretaria de Estado de Educação (org.). *VII Plenarinha: Brincando e Encantando com histórias* (2019). Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/guia_vii_plenarinha_9abr19.pdf. Acesso em: 06 jun. 2020.

FLECK, F. O. O contador de histórias: uma nova profissão?. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*. Florianópolis, v. 12, n. 13, p. 216-227, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007.v12n23p216/404>. Acesso em: 06 jun. de 2020.

FUNDAÇÃO ABRINQ. *Biblioteca viva: fazendo histórias com livros e leituras*. São Paulo: Fundação Abrinq, 2004. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/conta%C3%A7%C3%A3o-de-hist%C3%B3rias/482590>. Acesso em: 20 jun. 2020.



PETIT, M. *A Arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

WADA, M. M. *Juventude e leitura*. São Paulo: Annablume, 2004. 144 p.



Bibliotecas contam histórias

*Katty Anne de Souza Nunes
Soraia Pereira Magalhães*



Por muitos e muitos anos, as bibliotecas foram utilizadas como ambientes de guarda sem que oferecessem efetivo caráter de uso, elas seguiram presas ao estigma de silêncio absoluto e ao intelecto reservado a poucos.

Nas bibliotecas mais importantes da antiguidade (Alexandria, Nínive, Pérgamo e outras), ou nas bibliotecas dos mosteiros, das universidades medievais e até nas primeiras bibliotecas públicas, esses espaços estiveram marcados como locais onde a alegria, o riso e as práticas de atividades grupais não eram vistas como adequadas.

Nos dias atuais, porém, as bibliotecas enfrentam desafios de instigar cada vez mais o acesso aos seus acervos e serviços, contudo, ainda que estejam abertas e propícias a receber diversificados públicos, competem com a visão de que os ambientes ainda se detêm apenas ao objeto livro.

Visando atrair e fidelizar públicos, muitas bibliotecas vêm realizando atividades culturais diversas, dentre as quais se destacam as ações de contação de histórias. Fleck e Cunha (2017), ao refletirem sobre atividades dessa natureza em espaços de bibliotecas, destacaram que:

Embora a prática da contação de histórias seja bastante ampla e caiba em diferentes espaços e situações, a biblioteca se configura como lugar privilegiado para essa atividade, já que entre suas funções reconhecidas, deve ser recinto educativo, cultural e de lazer (Fleck; Cunha, 2017, p. 3).

Há quem desconheça, porém, o fato de que as bibliotecas estão divididas em diferentes categorias das quais, podemos citar, bibliotecas infantis, escolares, bibliotecas públicas, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas, bibliotecas comunitárias, bibliotecas nacionais e outras. Apesar de apresentarem caráter distintos, em cada uma delas, é possível ser pensado mecanismos de integração entre os públicos com ações envolvendo as narrativas orais.

Além das bibliotecas, os centros culturais e os museus têm atentado para o alcance que as contações de histórias podem propiciar aos seus públicos, um exemplo dessa prática vem sendo desenvolvida pelo Museu Amazônico, da Universidade Federal do Amazonas, espaço que reúne periodicamente grupos de crianças para falar de livros infantis, ouvir histórias e aproveitar o ambiente museológico e as exposições em cartaz.

Imagem 1: Lançamento do livro infantil no museu amazônico



Fonte: Acervo pessoal Soraia Magalhães, 2014

Imagem 2: Projeto “Te conto no Museu” com Katty Anne Nunes



Fonte: Acervo pessoal Carolina B. Gonçalves, 2020

O Museu Amazônico realiza também o projeto “Te conto no Museu”, iniciativa que tem por objetivo estabelecer diálogo sensível com o público, a partir da literatura, do uso do ambiente museológico e até da biblioteca como espaço de produção de conhecimento. A ação é realizada em parceria com a bibliotecária Katty Anne Nunes, idealizadora da Kuau Experiências Formativas.

Ao estabelecer a contação de histórias como um dos atrativos para a mobilização de públicos, centros culturais, museus e bibliotecas propiciam o estreitamento de laços com livros de diversificadas temáticas, favorecendo o incentivo à leitura e, por conseguinte a ampliação da visão amistosa de conteúdos e produções literárias.

Contação de histórias em bibliotecas

A promoção de eventos educativos, culturais, informativos ou recreativos realizados em bibliotecas têm como objetivo contribuir para uma sociedade mais leitora, cidadã e justa. Nesse sentido, as ações envolvendo contações de histórias se consolidam como ideais. Cada tipo de biblioteca permitirá variadas formas de se contar histórias, cabe ao bibliotecário e a equipe que atua no espaço conhecer o público, planejar a ação, executá-la e fazer avaliação contínua, a fim de trazer melhorias para as atividades. Fleck e Cunha (2017) destacaram que, para Polo (2004):

[...] os momentos prévios ao de uma apresentação de contação de histórias são bastante propícios para um encontro agradável com o livro. Para ela, uma pequena introdução, sugestão ou convite à leitura feita pelo bibliotecário antes da sessão de contos pode estimular os participantes a terem uma atitude receptiva, ativa e tranqüila diante do livro (*apud* Fleck; Cunha, 2017, p. 3).

Não objetivamos aprofundar dados sobre os aspectos gerais que permeiam todos os tipos de bibliotecas, contudo, achamos conveniente destacar 3 tipologias onde as práticas de contação de história vêm ocorrendo de forma mais frequente: Bibliotecas infantis, escolares e públicas. Para tal, serão apresentadas algumas definições:

Quadro 1: Tipologias de bibliotecas e suas características

TIPOLOGIA	CARACTERÍSTICAS
Bibliotecas infantis	São espaços destinados a favorecer os primeiros contatos das crianças com o ambiente leitor. Criadas geralmente em espaços lúdicos, podem trazer como aliadas as bebetecas, as brinquedotecas e as gibitecas. Em termos de atividades, tendem a oferecer programações que envolvem contação de histórias, teatro, oficinas e outros.
Bibliotecas Escolares	Espaço inserido no ambiente escolar, essa tipologia de biblioteca, tem como missão contribuir para a formação leitora de crianças e jovens. São nesses ambientes que as práticas de empréstimos de livros, de acesso aos acervos e equipamentos para que o incentivo à leitura ocorra de forma colaborativa com os projetos pedagógicos escolares. Ações envolvendo contações de histórias são vistas como e para auxiliar na apropriação de novos conhecimentos.
Bibliotecas Públicas	São ambientes que oferecem maiores possibilidades de minimizar as barreiras da exclusão social por serem responsáveis por atender pesquisas, bem como de atividades culturais diversas podem favorecer as condições a todos os públicos sem distinção. As bibliotecas públicas têm por missão proporcionar aos seus usuários as condições de acesso às obras de diferentes áreas do conhecimento, bem como favorecer mecanismos de inclusão digital, além de espaço de socialização. As bibliotecas públicas, inclusive, podem ser um dos principais espaços culturais de uma cidade ou região e nesse sentido, a animação cultural e por conseguinte, as atividades de contação de histórias podem repercutir como grandes componentes para o envolvimento com a comunidade.

Fonte: Elaboração das autoras (2020)

Algumas bibliotecas investem consideravelmente na viabilização das atividades de contação de histórias. No quadro 1, podemos, brevemente, refletir sobre três realidades distintas, onde bibliotecas utilizam essa ferramenta, exemplificando atividades em uma biblioteca infantil, uma biblioteca escolar e em uma biblioteca pública.

A primeira refere-se à Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, localizada em São Paulo, criada em 1936, considerada a primeira biblioteca dedicada ao público infantil do país. Em sua agenda constam atividades de contação de histórias, brincadeiras, oficinas de contação de histórias e mais. Muito relevante a constatação de que no período da pandemia provocada pela Covid-19, as atividades de contação de história vinculadas a essa Biblioteca foram realizadas de forma on-line, sendo utilizados para tal, as redes sociais. As atividades contam com profissionais especializados na arte de contar histórias.

Quadro 2: Bibliotecas contam história

BIBLIOTECAS	DADOS GERAIS	IMAGEM
Imagem 3: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato – São Paulo Fonte: Prefeitura de São Paulo – Secretária Municipal de Cultura e Economia Criativa, 2020. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/	Primeira biblioteca infantil criada no Brasil. Durante o período de isolamento social, motivado pelo Coronavírus, a programação de contação de histórias tem ocorrido em formato on-line.	Contação de Histórias Online Contação de histórias em vídeo transmitidas pelo Instagram e Facebook do Sistema Municipal de Bibliotecas no período da quarentena do Coronavírus (Covid-19). 11:53 29/04/2020 Histórias selecionadas para o público em geral disponíveis também no Instagram SMBibliotecas, Facebook BibliotecasSP e Facebook das bibliotecas de bairro. Experimentando histórias de Clarice Lispector Grupo Experimentando História A Vida Íntima de Laura (10/5/20)  ME CONTE UMA HISTÓRIA Me Conte Uma História #1 - (24/3/20) Bibloteca: Cia. Eureka Me Conte Uma História #2 - (25/3/20) João e o Remédio pra Memória: Cia. Eureka Me Conte Uma História #3 - (27/3/20) O Homem Que Quebrava Pedras: Cia. Eureka

bibliotecas/ catalogo_ eletronico/dicas_ de_leitura/27792		
Imagem 4: Biblioteca Escolar Prof. Raimundo Freitas, inserida na Escola Municipal Nossa Senhora das Graças Fonte: Katty Anne Nunes, 2023	Biblioteca Escolar, com o PIL - Projeto de Incentivo à leitura, que mantinha uma programação constante de contação de histórias, não só na biblioteca, mas em vários ambientes da escola. Além de capacitar os alunos para serem mediadores de leitura.	
Imagem 5: Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte Fonte: Flickr, 2015	Realiza o projeto “Era Uma Vez” voltado para a formação leitora, bem como Roda de Leitura e Encontro de Contadores de Histórias	

Fonte: Prefeitura de SP; Katty Anne Nunes; Flickr – Biblioteca Infantil e Juvenil de Belo Horizonte



O segundo exemplo, consiste em atividades de contação de histórias realizadas em escolas. Na imagem, o exemplo é de uma biblioteca escolar da rede pública da cidade de Manaus. Uma roda de leitura, uma mediadora, livros e textos previamente escolhidos podem fazer a diferença na vida de crianças e jovens. As bibliotecas escolares podem ser vistas como fontes efervescentes para as atividades de contação de histórias. Lidando com públicos de diversificados níveis de leitura, favorecem a aproximação com textos, com os projetos pedagógicos e com o ambiente físico das bibliotecas, facilitam o entendimento das mensagens e o possível interesse pelas histórias contidas nos livros.

A terceira realidade tem relação com as bibliotecas públicas. No exemplo, uma imagem de contação de história realizada na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. O espaço conta com programação envolvendo rodas de leitura, com oficinas e encontros para estudos sobre leitura, atividades de narração em voz alta e até grupo de contadores de histórias que se reúnem semanalmente.

O ganho substancial desse modelo de ações sequenciais, no âmbito de uma biblioteca pública, é que o ambiente se abre como instrumento de inclusão social, onde não só o público que ouve as histórias é beneficiado, como também interage com aqueles que se propõe a se capacitar e atuar como disseminadores.

Contação de histórias, como fazer



Para que a contação de história seja bem realizada é aconselhável que se tenha uma metodologia, um direcionamento a ser seguido, de forma que essa atividade possa proporcionar outros benefícios além do lazer,

distinguindo, assim, animação e ação cultural. É pertinente apresentar a diferença entre esses conceitos que, para Bazílio, Oliveira e Nóbrega (2013), mostram-se da seguinte forma: animação cultural é uma atividade mais informal, somente para divertimento, já a ação cultural é mais elaborada, tem um objetivo mais profundo, ao final, quem participou tem a possibilidade de transformação, no mínimo, sai com um olhar diferente sobre o mundo. Ainda sobre esse conceito, Pinheiro (2009) diz que:

A ação cultural retém o conhecimento na biblioteca ao mesmo tempo em que o espalha transformando-o em outros conhecimentos. Assim ela permite a produção de conhecimento e de valores culturais, aproxima as pessoas, desvenda o indivíduo para si e para o outro (p. 4).

Então, para que esse momento seja significativo e impacte a comunidade é fundamental o seu planejamento, e alguns critérios a se considerar são:

Quadro 3: Critérios para planejar momentos de contação de histórias

Qual o objetivo dessa atividade?	Divertir, informar, educar, trazer consciência etc.
Qual o público?	Crianças, jovens, adultos, idosos...
Que espaço será utilizado?	Espaço físico, sempre o mais aconchegante possível, limpo, convidativo.
Qual história será contada?	Podendo ser da narrativa oral, ou de um livro (ao fazer a seleção do acervo, é preciso conhecer a obra que será contada, estudando, pesquisando, sabendo mais sobre o autor).
Quais recursos podem ser utilizados?	Equipamentos: baús com livros, roupas e acessórios para dramatização e improvisação, tecidos, tapetes, fantoches, armação para uso de fantoches etc.
Quanto tempo vai durar?	É aconselhável não mais que 50 min.

Fonte: Anotações Katty Anne Nunes

Dadas essas considerações, outro aspecto pertinente é a diferença entre ler e contar uma história, para Matos e Sorsy (2009):

Sim, existe diferença entre contar e ler uma história, por que também existem uma diferença entre palavra oral e palavra escrita. Quando a comunicação se dá através da palavra oral, nosso centro de percepção é auditivo. Uma característica da percepção auditiva é que ela nos proporciona a experiência da unidade. O som nos invade por todos os lados e passa através de nós. Todo nosso corpo é uma unidade auditiva, por que estamos no centro do campo sonoro (p. 6).

Para melhor ilustrar a distinção dessas ações e facilitarmos o planejamento, apresentamos um quadro do projeto “Entre na Roda”, realizado pela Fundação Volkswagen.

Quadro 4: Ler e Contar

LER E CONTAR	
A história é apresentada preservando as palavras escolhidas pelo autor. O ouvinte assimila estruturas da língua escrita e o estilo de cada autor.	O contador tem liberdade para improvisar e agregar elementos à trama, de acordo com a reação do público. A linguagem é mais simples, mais coloquial.
Ouvir histórias lidas por alguém desenvolve o comportamento leitor das crianças. Elas conhecem o portador e seus elementos (texto e imagens), aprendem a distinguir e apreciar o estilo de cada autor etc.	Histórias contadas permitem ao ouvinte ampliar o repertório da cultura oral, que se perpetua na forma e sofre mudanças de conteúdo de geração em geração.
Durante a leitura não se deve substituir palavras ou fazer interrupções na narrativa. Obtém-se maior expressividade mudando o tom da voz de acordo com os personagens e o desenrolar da trama.	A postura corporal, os movimentos e a imitação da voz enriquecem a contação. Narrar histórias oralmente traz a vantagem de uma comunicação mais pessoal, possibilitando uma relação mais emotiva entre o contador e os ouvintes.

Fonte: Projeto Entre na Roda



É importante, porém, que essas distinções não sejam para criar moldes e tornar o processo engessado, pois ler ou contar uma história é um ato de acolhimento do outro, o interessante dessa arte é que quando o livro é utilizado para uma contação de história na biblioteca, a leitura que muitas vezes pode acontecer de forma solitária, se transforma em um ato coletivo, Fleck e Cunha (2017) validam esse posicionamento, ao dizerem que:

É importante ressaltar que a adoção da prática do contar histórias em um ambiente próprio da cultura letrada, a biblioteca, evidencia o quanto oralidade e escrita se entrelaçam no fazer contemporâneo do contador de histórias. A palavra escrita, usualmente, serve de matéria-prima ao narrador, que lhe oferece uma nova roupagem para que possa ser transmitida oralmente. A forma oral, por sua vez, confere à palavra novos significados e produz novas formas de narratividade (p. 5).

Bibliotecas são espaços de leitura e informação, locais repletos de palavras, livros e, por conseguinte, histórias, sendo instituições culturais de fundamental importância para promoção do gosto pela leitura. Quando se fala em contação de histórias, elas são um dos ambientes mais propícios para essa prática, fator que deve ser muito bem aproveitado, quebrando ainda mais a ideia dos ambientes silenciosos e reservados apenas à realização de estudos.

Para o leitor que acompanhou até aqui essa reflexão, fechamos apontando que a execução de projetos envolvendo contação de histórias em bibliotecas pode até ser vista como uma “simples ação”, contudo acreditamos que impacta de várias formas quem dela se apropria, não é raro termos relatos dos benefícios que as contações de histórias proporcionam, e se engana quem pensa que é somente uma



atividade para as crianças. As histórias podem e devem ser ouvidas em todas as idades e em todos os locais nos quais se tiver possibilidade.

A forma como ela será organizada possibilita inúmeras variações, dependendo do perfil do público e do contador, mas ressaltamos que contar uma história é um ato de amor.

Referências

- BAZÍLIO, A. P. M.; OLIVEIRA, M. J. A.; NÓBREGA, N. G. A Biblioteca Pública como instrumento de ação cultural. *In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação*, CBBB 25, 2013, Florianópolis. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/cfb3/3f426b42a45bf7bb69c2113a4324e599af78.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- BIBLIOTECA Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. *Flicker*. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/portalphb/17207652889>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- CONTAÇÃO de História Online. *Prefeitura de São Paulo* – Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/catalogo_eletronico/dicas_de_leitura/index.php?p=27792. Acesso em: 19 jun. 2020.
- FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V. Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do sul do Brasil. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ENANCIB 18*, 2017, Marília (SP). *Anais [...]*. XVIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: cip.brapci.inf.br/download/104131. Acesso em: 16 jun. 2020.
- FUNDAÇÃO VOLKSWAGEN. *Metodologia para as rodas de leitura e de Mediação*. Projeto Entre na Roda, 2013.
- GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. *In: SOUZA, R. J. (org.). Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 19-47.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. *In*: BARATIN, M.; JACOB, C. (orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 45-73.

MATOS, G. A.; SORSY, I. *O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar*. São Paulo: Editora WMF, 2009.

PINHEIRO, R. Q. Ação cultural e biblioteca pública: mitos e necessidades. *Infohome*, 2009. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=227. Acesso em: 16 jun. 2020.

POLO, Carolina Garcia. La biblioteca y la escena. *Educación y biblioteca*, año 16, n. 142, julio/agosto, 2004. Dossier Teatro, títeres y cuentacuentos en bibliotecas.



Contar história para quem?

Carolina Brandão Gonçalves



Contar história é gostoso, alegre, generoso, aproxima as pessoas, cria laços de afeto, trabalha a oralidade, estimula a afetividade, desperta o interesse pela literatura e aguça a imaginação. Apesar de hoje assistirmos as classificações das histórias de acordo com o tipo de público, a partir de uma certa cronologia, arbitrada, geralmente, por idades, mas também por sexo e outras especificações, contar e ouvir histórias é uma prática que pode ser estendida a todos.

Ariès (2012, p. 184) lembra que na escola medieval as crianças estudavam junto com os adultos, não havia qualquer problema: “Essa ausência de referência à idade persistiu por muito tempo e muitas vezes ainda a constatarmos nos moralistas do séc. XVII”. Mas não só na escola essa indiferença a idade ocorria, crianças e adultos participavam juntos de muitas atividades sociais, como brincadeiras, por exemplo, e mesmo a contação de histórias.

No Marrocos, a prática de contar histórias é milenar. Ainda hoje, na cidade de Marrakech, na praça Jemaa el F’na Market, um ponto turístico cosmopolita, todas as noites contadores de histórias sentam-se no chão da praça e pouco a pouco a comunidade local se aproxima para ouvi-los.

Imagem 6: Imagem panorâmica da praça Jemaa el-Fna ao pôr do sol



Fonte: Maroc_Marrakech_Jemaa-el-Fna_Luc_Viatour.JPG: Lviatourderivative work: Massimo Telò - Este ficheiro foi derivado de: Maroc Marrakech Jemaa-el-Fna Luc Viatour.JPG:, CC BY-SA 3.0, 2006.²

Acreditamos não haver uma impossibilidade de públicos de diferentes idades estarem juntos em um momento de contação de histórias, já há experiências voltadas a atender os interesses e especificidades de cada um. Antes de realizar uma sessão de contação de histórias para um determinado tipo de público, convém levar em consideração que assuntos podem ser mais interessantes aos participantes, escolher com cuidado o tipo de estratégia para realizar uma abordagem capaz de atrair os ouvintes e mantê-los atentos às narrativas.

Os jovens podem gostar de ouvir histórias mediante recursos tecnológicos, como o podcast, ou audiovisuais, enquanto muitos adultos e idosos talvez preferiram os métodos tradicionais, as histórias de boca, os livros impressos. Isto não é uma regra. Velascos (2018, p. 94) lembra que as histórias podem ser lidas ou contadas “de boca”.

² Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=28338024>

É “[...] importante deixar claro que ler não é melhor que contar e contar não é melhor que ler [...]”.

Tanto os adultos, quanto os idosos também estão sendo capturados para o universo digital. Nesse momento, estamos em tempos de Pandemia do Covid-19 e assistimos um número expressivo de atividades culturais acontecendo nos ambientes virtuais, vários sites de podcast com contação de história têm sido compartilhados para as crianças, pais e professores.

JOVENS

Em relação aos assuntos, isso também depende muito, mas é possível que os jovens se identifiquem com histórias mais próximas da realidade deles, que contemplem aspectos associados às preocupações e interesses próprios dessa geração. O mesmo se passa com os adultos e os idosos.

No caso das narrativas orais (histórias de boca), pode-se contar uma história tradicional, como os clássicos da literatura universal, ou ficção científica, aspectos da ciência, contos populares. O encantamento está no modo como o contador consegue ajustar o interesse do ouvinte à narrativa contada.

Para prender a atenção e promover a escuta atenciosa, o contador pode se valer de estratégias diversas. O que nos parece realmente garantir o sucesso da experiência é o interesse legítimo do contador pela história e uma dose de perspicácia para ajustar a linguagem e as estratégias de atração do público ao que está sendo contado.

De modo geral, os jovens podem não querer ouvir histórias, pois julgam que são “coisas para crianças”, por isso é necessário desmistificar esse preconceito. Uma conversa sobre o assunto, a busca das experiências



que os jovens possuem sobre a prática de contar e ouvir histórias pode fazer com que se sintam motivados a participar da contação.

ADULTOS

Pouco se tem na literatura relatos de experiências de contação de histórias com os adultos. Não faz muito tempo que muitas famílias, especialmente nas cidades menores, possuíam o hábito de sentar à porta de suas residências. Hoje, a vida em apartamentos, o trabalho, por longas horas fora de casa, o deslocamento igualmente demorado até o retorno, não contribui muito para o agrupamento das pessoas, que já chegam cansadas e muitas vezes ainda tem que assumir outras atividades laborais para manter a casa organizada e se preparar para o dia seguinte.

Mergulhados na vida cotidiana, em que as responsabilidades são inúmeras, família, escolas de filhos, estudos, trabalho, pagamento das despesas essenciais, geralmente os adultos, também não se veem como um público para a contação de histórias. Porém, “ninguém escapa de uma história bem contada”.

Os adultos podem ser bastante arredios em relação a ouvir e a contar histórias e para atraí-los, tal como aos jovens, parece ser necessário desconstruir pré-conceitos e envolvê-los no encantamento do universo imaginário das narrativas. Uma boa estratégia de sedução sempre inicia com uma boa conversa, na qual se possa conhecer as expectativas desses adultos, vai-se assim cativando, pouco a pouco, e de forma generosa o narrador descortina a narrativa de maneira sensível. Hoje em dia já não é mais possível contar a história da chapeuzinho



vermelho à moda antiga. Novos recursos terão que ser incorporados ao conto para que se possa prender a atenção das pessoas.

Vantagens da contação de história junto a jovens e adultos:

1. Diminui os níveis de stress;
2. Ajuda a mudar o foco do pensamento de atividades desagradáveis para prazerosas;
3. Diverte e estimula a imaginação;
4. Aumenta o interesse pela autoidentificação;
5. Favorece a compreensão de situações desagradáveis;
6. Ajuda a resolver conflitos;
7. Quem conta e quem ouve histórias, aprende;
8. Aumento da sensibilidade para a literatura.

Estratégias de contação de histórias com jovens e adultos

1. Descobrir a experiência do adulto sobre a prática de ouvir ou contar histórias;
2. Incentivar que se recordem de algum momento em que estiveram na condição de ouvinte ou contador de histórias, e pedir para contar como foi a experiência;
3. Incentivar a criação espontânea de narrativas;
4. Avivar a lembrança do adulto sobre sua memória afetiva entorno da contação de história;
5. Apoiá-los a organizar sessões de contação com a família, amigos e até mesmo no ambiente de trabalho;

- 
- 
6. Conversar sobre os aspectos da contação de história;
 7. Apresentar livros, áudio, vídeos, sites de contação;
 8. Ler ou pedir que leiam;
 9. Gravar podcast com as histórias contadas por eles;
 10. Gravar vídeos curtos contando histórias de boca ou de livro;
 11. Frequentar lugares, eventos, presencial ou on-line, em que se pratique a contação de história.

IDOSOS

Segundo o Relatório Mundial sobre envelhecimento e saúde, elaborado pela Organização Mundial de Saúde — OMS (2015), não é possível falar de um idoso típico, como se todas as pessoas a partir dos 60 anos apresentassem as mesmas características. “Embora não existam pessoas maiores típicas, a sociedade geralmente as vê de formas estereotipadas, que levam à discriminação contra indivíduos ou grupos simplesmente com base em sua idade” (OMS, 2015, p. 08).

O preconceito contra o idoso pode provocar a tendência ao isolamento social, nessa população, e ser fator do seu adoecimento físico e mental. Para os idosos, a contação de histórias funciona como estratégia terapêutica, pois é uma experiência de diálogo que pode ajudar a manter o idoso em permanente interação com os mais jovens. Seja contando suas histórias de vida, ou o repertório cultural de narrativas adquiridas ao longo de sua existência.

Os idosos tanto podem ouvir, como gostar de contar histórias. Promover encontros de contação de histórias onde diversas gerações se encontram contribui para a integração entre as diferentes idades, ajuda a vencer preconceitos e aumenta a empatia dos mais jovens com os mais velhos.

Algumas das vantagens da contação de história junto aos idosos:

1. Estimula as funções cognitivas do idoso;
2. Resgata a autoestima e valoriza a cultura do idoso;
3. Minimiza os riscos de depressão na terceira idade;
4. Ampliam o conhecimento dos idosos sobre culturas diferentes;
5. Desperta emoções;
6. Deixa os idosos mais participativos e atualizados.

Estratégias para contação de histórias com idosos

1. Incentivar que os idosos contem as suas próprias histórias ou de outros, a partir de escolha de temas da literatura ou do folclore;
2. Ajudar com que se lembrem das histórias que lhes foram contadas em suas diferentes fases na vida;
3. Solicitar que destaquem os aspectos da contação de história que mais gostam ou não;
4. Apresentar livros, áudio, vídeos, sites de contação;
5. Organizar contações de histórias de boca ou de livro em que os filhos, netos, amigos possam contribuir na mediação. Esta técnica é bastante utilizada no caso de idosos que não sabem ler;
6. Descobrir quais idosos gostam de desenhar, ou possuem alguma habilidade manual para o artesanato, música, poesia e incentivar o uso dessas capacidades em uma sessão de contação de história;
7. Utilizar fotografias ou uso de imagens, recorte e colagem, pedir para os idosos criarem uma história a partir desse material;

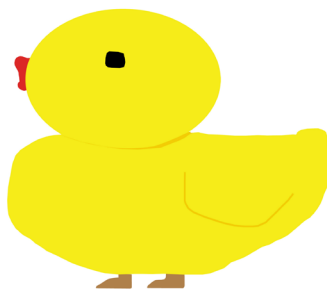
- 
- 
8. Ler para o idoso, ou pedir que ele leia;
 9. Gravar podcast com as histórias contadas pelos idosos;
 10. Gravar vídeos curtos com o idoso contando histórias de boca ou de livro.

Referências

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Resumo*: relatório mundial de envelhecimento e saúde. Genebra: OMS, 2015. 30 p. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

VELASCOS, E. *A arte de contar histórias na escola*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2018.



Contar história para quem? Tecendo memórias: A arte de contar histórias na primeira infância

*Argicely Leda de Azevedo Vilaça
Keila Neves da Mota
Maria Nelciane Alencar da Silva*



Este capítulo destaca a beleza e a importância de contar histórias para crianças da primeira infância (0 a 6 anos), evocando a ideia de que as histórias são como fios que tecem sonhos e aprendizagens no imaginário infantil. Para início de conversa, cabe mencionar que a primeira infância abrange o período do nascimento até os seis anos de idade, sendo considerado um campo fértil em que as sementes do desenvolvimento humano brotam e florescem com vigor. Durante esses primeiros anos, as crianças experimentam um crescimento acelerado, tanto fisicamente quanto cognitivamente, como se cada dia fosse uma nova primavera.

É nessa faixa etária, que vai de 0 a 6 anos, que se lançam as raízes das habilidades essenciais, como a linguagem, o pensamento, o controle emocional e a socialização, que irão sustentar a árvore da vida. A qualidade das experiências vividas nessa fase atua como a luz do sol e a água pura, nutrindo e moldando a essência da criança. Essas experiências impactam de maneira duradoura os diversos aspectos de sua existência, incluindo o desempenho escolar, a saúde e o bem-estar emocional.

O encanto da Leitura na Infância

No aconchego, histórias surgem,
Com as estrelas a brilhar, o sonho a embalar.
Prepare o ambiente, com carinho e atenção,
Cada detalhe importa, na mágica narração.
Invista em cenários, repletos de cor e fulgor,



Onde fadas e dragões passeiam com ardor,
Um reino encantado que a mente nos revela,
Há um mundo de aventuras, onde a magia se desvela.
Desperte os sentidos, com sons suaves a tocar,
O perfume das flores, o toque do vento a soprar.
Para os olhos brilhantes, a magia fazer brilhar,
E no coração dos pequenos, o amor a pulsar.
Assim, as histórias ganham vida, num doce embalar,
Nos sonhos dos bebês, começam a navegar.
Com ternura e poesia, o mundo a desvelar,
Contar histórias é amor, é eterno, é cuidar.

Keila Mota, 2020

Contar histórias para crianças na primeira infância é uma prática que transcende gerações e culturas, carregando em seu âmago uma riqueza poética e pedagógica incomensurável. Através das narrativas, os pequenos são introduzidos a mundos imaginários, personagens encantadores e dilemas morais que lhes permitem desenvolver a empatia, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. A contação de histórias não é apenas uma atividade de entretenimento, mas também um poderoso instrumento de formação cognitiva e emocional.

Quem nunca se deliciou ao ouvir as histórias da vovó ou adormeceu sob o encanto das belas narrativas lidas pela mamãe? Para as crianças, é comum que os olhos brilhem ao se envolverem na magia da contação de histórias, e os adultos — sejam eles avós, pais ou professores — possuem esse poder de encantamento.



Mas, por que contar e ouvir histórias é tão importante? Quem narra histórias mantém, através dessa prática, um elo precioso entre o passado e o presente, o real e o sobrenatural, o possível e o impossível, a razão e a imaginação.

A primeira infância é um período importante para o desenvolvimento do cérebro, e as histórias desempenham um papel significativo nesse processo. Quando uma criança ouve uma história, ela é estimulada a imaginar cenários, visualizar personagens e compreender a sequência dos eventos. Essa atividade mental fortalece a memória, melhora a concentração e amplia o vocabulário. Além disso, as histórias frequentemente contêm lições valiosas sobre amizade, coragem, honestidade e outras virtudes, contribuindo para a formação do caráter e dos valores morais da criança.

Ademais, a contação de histórias promove um vínculo afetivo entre o narrador e a criança, seja ele um pai, mãe, avô, avó ou professor. Esse momento de interação e atenção exclusiva é fundamental para o desenvolvimento emocional dos pequenos, proporcionando-lhes segurança e conforto. Através das histórias, as crianças aprendem a compreender suas próprias emoções e as dos outros, desenvolvendo habilidades sociais essenciais para a vida. Em suma, contar histórias na primeira infância é uma prática que enriquece a mente e o coração, plantando sementes de sabedoria e sensibilidade que florescerão ao longo da vida.

A contação de histórias desempenha um papel essencial na incorporação de valores que são essenciais para a vida humana desde tempos imemoriais. Ao ouvir histórias, as crianças não apenas absorvem lições morais e éticas, mas também desenvolvem habilidades cognitivas e emocionais. Segundo Abramovich (1997, p. 16-17), “ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e





de compreensão do mundo”, e esse processo começa justamente pela escuta atenta das narrativas.

Vários estudiosos destacam a importância da contação de histórias na formação infantil. Bettelheim (1998), em sua obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, argumenta que os contos de fadas ajudam as crianças a entenderem e resolverem conflitos internos e a lidarem com emoções complexas. Vygotsky (1994) enfatiza que a interação social, como a que ocorre durante a narração de histórias, é importante para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento crítico.

Portanto, quanto mais histórias uma criança ouvir, melhor será para seu desenvolvimento integral. A prática da contação de histórias não só promove o letramento, como também amplia o horizonte cultural e social das crianças, preparando-as para serem cidadãos mais conscientes e empáticos. Autores como Bettelheim, Vygotsky e Abramovich convergem na ideia de que essa prática é um alicerce sólido para a formação de leitores competentes e indivíduos mais completos.

Durante o momento de contação de histórias, a criança imagina cenários e personagens que fazem parte do elenco, acompanha as aventuras dos heróis ao fugir dos feitiços das bruxas e espera constantemente por um final feliz. “Tudo isso cria na criança que ouve histórias uma atitude leitora” (Mello, 2011, p. 50). A contação de histórias, portanto, deve ser planejada cuidadosamente para garantir que seja uma atividade prazerosa e envolvente. Como afirma Abramovich (1997), a contação de histórias é uma ferramenta poderosa que contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

Para que a contação de histórias seja eficaz, é fundamental que o contador de histórias esteja bem preparado e motivado. Coelho (2001, p. 31) ressalta que “estudar uma história é ainda escolher





a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”. São muitos os recursos que podem ser utilizados para enriquecer a narrativa: dramatização, fantoches, dedoches, objetos, gravuras do livro ou cartazes criados pelo contador. Tais elementos diversificados são essenciais para manter a atenção e o interesse do ouvinte. Busatto (2013) também destaca a importância da voz e do corpo na contação, sugerindo que a variação de tons e o uso de expressões faciais podem tornar a experiência ainda mais cativante.

No entanto, é importante usar esses recursos de forma equilibrada para não inibir a criatividade da criança. Segundo Busatto (2012), “o importante é que o uso dos objetos não esclareça tudo, mas sim que a imaginação se encarregue de modificar as formas” (p. 78). E, ainda, considerar conhecer a faixa etária do público para ajustar a história e a maneira de contá-la de forma adequada.

Coelho (2001) enfatiza que cada faixa etária requer um tipo específico de história e uma abordagem que respeite a idade, a linguagem e o tempo de concentração das crianças. Portanto, ao compreender a importância dessa atividade, os contadores de histórias devem buscar constantemente maneiras de tornar a narração mais agradável, criativa e produtiva, promovendo uma experiência marcada pelo lúdico e pelo prazer estético (Cademartori, 2017).

Nesse sentido, é essencial que os contadores de histórias estejam atentos às preferências e interesses das crianças, pois isso pode variar significativamente de uma faixa etária para outra. A personalização das narrativas pode contribuir para um maior engajamento e compreensão por parte do público infantil. A utilização de recursos visuais e sonoros, por exemplo, pode enriquecer a experiência, tornando-a mais interativa e envolvente. Dessa forma, a narração de histórias se torna não apenas uma



atividade educativa, mas também uma forma de arte que estimula a imaginação, o pensamento crítico e a empatia das crianças.

Contando histórias para bebês e crianças (0 a 6 anos de idade)

Para a fase que vai até os três anos, as narrativas devem ser simples, com ritmos e repetições, contendo elementos próximos ao seu cotidiano. Histórias com rimas e sons repetitivos ajudam a captar a atenção dos pequenos e facilitam a compreensão. Já na fase dos três aos seis anos de idade, as crianças começam a se interessar por histórias mais complexas e encantadoras, frequentemente pedindo para ouvir a mesma história várias vezes, o que contribui para a fixação de vocabulário e compreensão de enredos (Coelho, 2001).

Primeiramente, é essencial escolher um ambiente tranquilo e confortável, como uma sala bem iluminada ou um canto acolhedor da casa/sala de aula, onde os bebês possam se sentir seguros e à vontade. Utilize tapetes macios, almofadas e cadeirinhas para criar um espaço aconchegante. A contação de histórias deve ser envolvente e, para prender a atenção dos bebês, é fundamental usar uma linguagem simples e repetitiva, além de entonações variadas e expressivas.

Recursos visuais e táteis são extremamente eficazes para captar o interesse dos pequenos. Livros de pano ou de plástico com texturas diferentes, fantoches, bonecos e até mesmo objetos do dia a dia podem ser integrados à narrativa para tornar a experiência mais interativa. Músicas e sons também são ótimos aliados; cante canções relacionadas à história ou use instrumentos simples, como chocalhos, para acrescentar ritmos e sons que complementam a trama.





Ademais, é importante observar as reações dos bebês e ajustar a narrativa conforme necessário, tornando-a mais curta ou mais longa de acordo com a atenção deles. Encoraje a participação, permitindo que toquem os objetos e interajam com os personagens. Por fim, lembre-se de que a repetição é crucial nessa faixa etária; contar a mesma história várias vezes ajuda os bebês a se familiarizarem com o enredo e a desenvolverem habilidades linguísticas e cognitivas.

Diante disso, desde os primeiros meses de vida, as histórias podem e devem fazer parte do cotidiano da criança. Ler ou contar histórias para bebês e crianças bem pequenas abre caminhos para uma interação rica e envolvente com o universo mágico da linguagem. Além de estimular o desenvolvimento cognitivo e emocional, essas atividades fortalecem o vínculo afetivo entre pais e filhos, criando momentos de proximidade e carinho.

Já contar histórias para crianças de 4 a 6 anos requer uma abordagem lúdica e envolvente para captar a atenção dos pequenos. Estrategicamente, é essencial usar uma linguagem simples e clara, além de incorporar expressões faciais, gestos e variações na entonação da voz para dar vida aos personagens e acontecimentos. Utilizar fantoches, livros ilustrados e até mesmo sons pode tornar a narrativa ainda mais cativante. Encoraje a participação ativa das crianças, pedindo que elas façam sons ou gestos, ou que antecipem o que vai acontecer a seguir na história.

A preparação do local também é considerada imprescindível. Sendo assim, em casa, escolha um espaço tranquilo e confortável, como um cantinho de leitura com almofadas e iluminação suave. Ter uma caixa de brinquedos ou adereços relacionados à história pode enriquecer a experiência. Na escola, um ambiente organizado e acolhedor, com tapetes e almofadas onde as crianças possam se sentar em círculo,





ajuda a criar um clima de intimidade e concentração. Decorar o espaço com elementos temáticos da história pode aumentar a imersão.

Além disso, é importante ajustar o tempo de duração da história à faixa etária das crianças, mantendo a narrativa curta e dinâmica para evitar a perda de interesse. Fazer pausas para perguntas e discussões pode ajudar a manter a interação e a reflexão sobre a história. Acima de tudo, demonstrar entusiasmo e paixão pela narrativa é contagiante e inspira as crianças a se apaixonarem pelo mundo dos livros e das histórias.

Ao escolher livros e histórias para essa faixa etária, é importante levar em conta o conteúdo visual e a materialidade do livro, como texturas e cores vibrantes, que podem tornar a experiência ainda mais interessante. Histórias que abordam sentimentos, situações familiares e aventuras simples ajudam a criança a entender melhor o mundo ao seu redor e a desenvolver empatia.

Ler livro ou contar história?

Ler um livro e contar uma história são duas práticas que, embora relacionadas, proporcionam experiências e aprendizagens distintas. Ao contar uma história, podemos usar nossas próprias palavras, interpretá-la de diversas maneiras e utilizar os mais diferentes recursos. Podemos, inclusive, recriá-la, acrescentando novos elementos oriundos de nossa imaginação ou das circunstâncias em que estamos inseridos. A história contada oralmente é mais flexível e mutável, pois depende da pessoa que a narra e do contexto em que é contada.

Por outro lado, ao ler uma história, utilizamos palavras que estão escritas, mantendo-nos fiéis ao texto do autor. Embora seja possível interpretar de formas diferentes, modificando a entonação, a altura ou o



timbre de voz, o texto escrito permanece o mesmo, independentemente do leitor. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita que não utilizamos cotidianamente ao falar, mas que são essenciais para o enriquecimento do vocabulário infantil. Esta prática permite que as crianças entrem em contato com estruturas linguísticas mais complexas e ampliem seu repertório linguístico e cultural.

As aprendizagens envolvidas nesses dois tipos de situação são também diferentes. Participar de situações de contação de histórias permite que as crianças, além de se divertirem, aprendam mais sobre a língua falada, ampliem seu repertório e seu universo imaginário, e compreendam que as histórias não são objetos estáticos, mas podem ser recriadas. Elas aprendem a contar suas próprias histórias, desenvolvendo habilidades narrativas e criativas. Como ressaltam Kaercher e Crayde (2001, p. 87), “é sempre bom lembrar que literatura é arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para, de algum modo, dar sentido à nossa existência”. Nessa perspectiva, autores como Bruno Bettelheim, em *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, destacam a importância dos contos na formação psicológica das crianças, enquanto Lygia Bojunga Nunes, em suas obras, exemplifica como a narrativa pode ser um instrumento poderoso de expressão e autoconhecimento para os jovens leitores.

Dessa forma, tanto a leitura quanto a contação de histórias são práticas valiosas que se complementam. Enquanto a leitura enriquece o vocabulário e promove o contato com a língua escrita, a contação de histórias estimula a criatividade, a oralidade e a capacidade de expressão. Ambas são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, proporcionando-lhes ferramentas para compreender e narrar o mundo ao seu redor.



Contar história ou estória? Essa é uma dúvida comum entre os falantes da língua portuguesa. A palavra “história” tem origem no grego “história” e refere-se ao estudo e à narração dos eventos passados, sejam eles reais ou fictícios. Por outro lado, “estória” é uma grafia que já foi usada para diferenciar narrativas fictícias das históricas, mas caiu em desuso e não é mais recomendada pelo Novo Acordo Ortográfico. Hoje em dia, “história” é o termo correto e oficial para se referir tanto a eventos reais quanto a narrativas imaginárias, eliminando qualquer confusão. Portanto, ao contar um conto de fadas ou relatar um acontecimento histórico, a palavra adequada é sempre “história”.

Semeando o Encantamento dos Pequenos

Semear o encantamento das crianças da primeira infância, de 0 a 6 anos, pela contação de histórias e pela leitura de obras infantis é uma jornada mágica e transformadora. Nessa fase do desenvolvimento, a introdução ao mundo dos livros e das narrativas pode despertar a imaginação, promover o desenvolvimento linguístico e fortalecer os vínculos afetivos. A contação de histórias, com seu poder encantador e envolvente, permite que as crianças mergulhem em mundos fantásticos, desenvolvendo a capacidade de se expressar e compreender o mundo ao seu redor. Criar hábitos de leitura desde cedo, com momentos dedicados diariamente à exploração de livros infantis, não apenas cultiva o amor pela leitura, mas também estabelece uma base sólida para o aprendizado futuro. Através de histórias contadas de maneira cativante e de uma rotina de leitura prazerosa, podemos inspirar nas crianças um fascínio duradouro pelos livros e pelo conhecimento. Antes de qualquer momento direto



com a criança, é necessário compreender que o adulto “contador de histórias” precisa preparar-se para a situação de leitura ou de contação com antecedência e conhecer a história a ser lida ou contada. Segundo especialistas como Bruno Bettelheim, em *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, é essencial que o contador de histórias se deixe levar pela narrativa, permitindo que esta o guie desde a entonação da voz, gesto, olhar e toda a cadência da narração. Isso torna a experiência mais envolvente e autêntica, criando um espaço significativo para que a imaginação da criança floresça.

Vale ressaltar que, a contação de histórias sem o uso do livro original exige uma maior preocupação com o ambiente promotor de encantamento, como aponta Regina Machado em *Acordais: Formação de Contadores de Histórias*. O uso de recursos diferenciados, que podem incluir desde a caracterização do adulto até os objetos manuseados, bem como um espaço de acolhimento adequado, são fundamentais para criar uma atmosfera imersiva. Por exemplo, o contador de histórias pode vestir-se como um personagem ou utilizar marionetes e adereços para tornar a história mais vívida e cativante para as crianças.

Destacamos que momentos de interação e brincadeiras com o cenário e situações mediadas pelo “contador de histórias” são cruciais para que as crianças se tornem narradoras de suas próprias histórias e se encantem pelo mundo letrado. Atividades como o reconto de histórias com o uso de elementos e objetos, ou a produção de personagens com materiais diversos, desde recicláveis até brinquedos, favorecem o acesso à literatura infantil e ampliam o imaginário infantil.

Segundo Ruth Rocha, em *O Reizinho Mandão*, escolher e contar histórias deve ser uma rotina para as crianças, pois isso enriquece sua capacidade de lidar com emoções contraditórias, conquistas e perdas, e as introduz ao magnífico mundo da literatura. Dessa forma,

a contação de histórias torna-se um poderoso processo introdutório a bons hábitos de leitura, provocando encantamento e desenvolvendo habilidades essenciais para a vida.

Imagem 7: Livro – O reizinho mandão



Fonte: Thainã Martins Coimbra ³

Pertencimento Amazônico

A contação de histórias é uma prática que estimula a imaginação e a criatividade das crianças, e também pode ser uma poderosa ferramenta para transmitir valores culturais e sociais. No contexto amazônico, essa prática ganha uma dimensão ainda mais significativa, pois permite a transmissão de saberes ancestrais e o fortalecimento da identidade regional.

³ Disponível em: <https://www.scribd.com/document/49407639/Livro-O-reizinho-mandao-Ruth-Rocha>



As histórias sobre a floresta, os rios, os animais e as tradições dos povos indígenas não só enriquecem o repertório das crianças, mas também despertam um sentimento de pertencimento amazônico, fundamental para que valorizem e preservem esse patrimônio natural e cultural inigualável.

Sendo assim, quando utilizamos a literatura infantojuvenil de autores amazonenses, como Thiago de Melo, Leyla Leon, Adriana Barbosa, Creuza Barbosa, Ana Peixoto, Jaime Diakaka, Roni Wasiry Guará e Yaguarê Yamã, enriquecemos ainda mais essa experiência. Esses autores trazem a riqueza cultural e as belezas naturais da Amazônia, proporcionando às crianças não só o prazer da leitura, mas também a valorização de sua própria identidade e regionalidade.

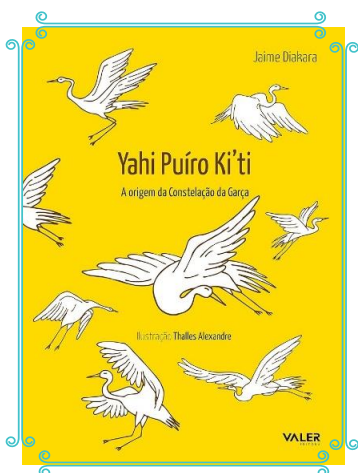
Thiago de Melo, por exemplo, com suas poesias e histórias, oferece uma oportunidade única para que as crianças conheçam a fauna e a flora amazônicas, enquanto Leyla Leon e Adriana Barbosa trazem narrativas que exploram a vida cotidiana e os mitos da região. Ana Peixoto, em seu livro *Quintal um lugar para ser Feliz*, convida as crianças a explorarem a natureza e a liberdade de brincar ao ar livre, enquanto Jaime Diakaka, com *Yahi Puíro Ki'ti: A origem da Constelação da Garça*, e Roni Wasiry Guará, com *Olho d'água – O caminho dos sonhos*, proporcionam um mergulho nas tradições e lendas indígenas, fundamentais para a construção de uma consciência cultural.

Essas histórias podem ser o ponto de partida para diversas brincadeiras educativas e lúdicas. Por exemplo, após a leitura de *Um Curumim*, *Uma Canoa* de Yaguarê Yamã, as crianças podem participar de uma atividade de construção de miniaturas de canoas usando materiais recicláveis, incentivando a criatividade e a coordenação motora. Outra brincadeira pode surgir da história *Quintal um lugar para ser Feliz*, em que as crianças são incentivadas a criar um pequeno jardim ou



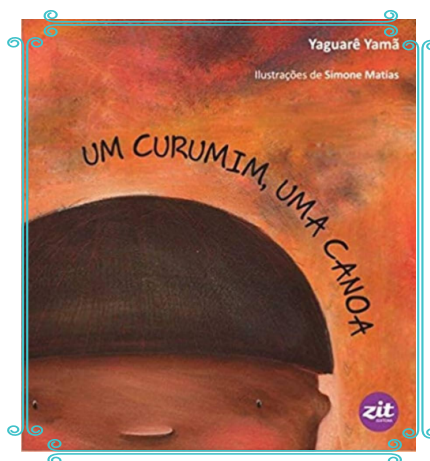
horta, aprendendo sobre plantas e o cuidado com a natureza. Além disso, após a contação de uma lenda indígena, pode-se organizar uma dramatização ou um teatro de fantoches, onde as crianças personificam os personagens da história, promovendo a expressão corporal e oral.

Imagem 8: Livro – Yahi Puíro Ki'ti



Fonte: Editora Valer⁴

Imagem 9: Livro – Um curumim, uma canoa



Fonte: Grupo Editorial Zit⁵

Valorizar a contação de histórias com autores amazonenses é, portanto, uma forma de fortalecer os laços culturais e regionais desde a infância, além de alimentar a imaginação e o conhecimento das crianças sobre o mundo ao seu redor. É um convite para que elas se reconheçam como parte de uma rica herança cultural e natural, e para que cresçam valorizando e preservando essa identidade única.

4 Disponível em: https://www.editoravaler.com.br/index.php?route=product/product&product_id=1227

5 Disponível em: https://www.grupoeditorialzit.com.br/infantil/um-curumim-uma-canoa?srsId=AfmBOopK_8Q9lxNRhielfPCUELCKc63D_hhM7VKcJuxFIyG7LbmbnOtt

Referências

- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil, gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, B. *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora, 1998.
- BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BUSATTO, C. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2001.
- CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HARTMANN, L. Arte e a Ciência de contar histórias: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. *Moringa*, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 33-48, 2014.
- MACHADO, R. S. B. *Acordais: fundamentos teóricos poéticos da arte de contar histórias*. Tese (Livro Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MELLO, S. A. A literatura infantil e a formação da atitude leitora nas crianças pequenas. In: MELLO, S. A. *Práticas pedagógicas e literatura infantil*. Maringá: EdUEM, 2011. p. 41-54.
- SILVA, M. M. As relações sociais da criança na obra de Lygia Bojunga Nunes. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 05, p. 9-13, 2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8850>.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.



Clássicos da literatura infantojuvenil

*Evany Nascimento
Valdemir Oliveira*



Se se quiser falar ao coração dos homens há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais ou deuses e muita fantasia. Porque é assim - suave e docemente que se despertam consciências.

La Fontaine

Era uma vez...⁶

Era uma vez as histórias que se tornaram clássicas. Mas o que torna uma história clássica? O que faz com que uma história ultrapasse as barreiras do tempo e se sustente em diferentes gerações? Quem define o que é um clássico? Eles são os mesmos em todos os lugares? É sobre essas questões que vamos tratar neste texto.

A origem da Literatura Infantil ou Infantojuvenil remonta à tradição das contações de histórias de que todas as culturas dispõem e têm-se registro desde a antiguidade grega, onde despontaram Fedro e Esopo com suas fábulas. Contudo, tais histórias não eram dedicadas exclusivamente à infância:

Essa modalidade de literatura só se tornou referencial de algo ligado à infância no século XVII, por meio dos contos de encantamento ou contos maravilhosos, também conhecidos como contos de fadas, os quais eram oriundos da oralidade e foram registrados pelo francês Charles Perrault, o primeiro a

⁶ Adaptado da Unidade II do livro-texto “Literatura Infantojuvenil”, material didático utilizado no Curso de Letras Mediado por Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas, no ano de 2017, produzido por Evany Nascimento e Valdemir Oliveira.



utilizar a expressão “Era uma vez...” no seu conto de fadas de estreia, intitulado Pele de asno. Outros seguiram as pistas de Perrault, entre eles os irmãos Grimm, na Alemanha do século XVIII, e Hans Christian Andersen, na Dinamarca do século posterior (Schueroff; Cagneti, 2010, p. 15).

Para alguns autores como Diana e Mário Corso (2006), essa permanência dos contos de fadas no nosso contexto contemporâneo se deve ao fato de que os contos simbolizam e “resolvem” os conflitos pelos quais as crianças passam:

A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção. Observamos que a partir dos quatro últimos séculos, quando a infância passou a ter importância social, as narrativas folclóricas tradicionais, os ditos contos de fadas, constituíram-se numa forma de ficção que foi progressivamente se direcionando para o público infantil. Hoje, os contos de fadas são considerados coisa de criança, mas curiosamente muitos deles continuam estruturalmente parecidos com aqueles que os camponeses medievais contavam (Corso; Corso, 2006, p. 21).

Pensar que essas narrativas estão presentes no imaginário de nossos jovens hoje é assumir a importância que continua tendo a literatura que se fundamenta nessas histórias que se tornaram clássicas e são contadas, com suas adaptações, ao longo dos tempos.

Conceitos

Retomando aqui o conceito de clássico, Ana Maria Machado (2002, p. 24) diz que: “Em suma, são os livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Mas que, ao serem lidos no começo da vida, são fruídos de uma maneira muito especial, porque ‘a juventude comunica ao ato de ler, como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares’”.

Contudo, o que nos interessa aqui é o conceito de clássico na Literatura Infantojuvenil, e a mesma autora nos explica:

Mas existem também os grandes clássicos infantis que foram concebidos especialmente para essa época da vida. De um modo geral, foram escritos a partir da segunda metade do século XIX, numa época que se estende até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Muitos estudiosos chamam esse tempo de “A Idade de Ouro” da literatura infantil porque foi quando esse gênero se destacou com clareza da literatura para adultos. E foi também quando surgiram várias obras que, embora intencionalmente dirigidas para os pequenos, conquistaram os leitores de todas as idades por suas qualidades literárias intrínsecas. Não eram apenas “livrinhos para crianças”, dispostos a dar alguma lição e, eventualmente, divertir. Como qualquer obra de literatura, têm tudo para agradar ao leitor mais sofisticado e exigente. Por isso, se tornaram clássicos (Machado, 2002, p. 111-112).

Como vemos, mais uma autora que classifica a Literatura Infantojuvenil, como Literatura, uma arte. E entre as obras que destaca como clássicos, estão: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol; *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson; *O Senhor dos Anéis*, de J. R.



Tolkien; *As Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi; *Peter Pan*, de James M. Barrie. Trataremos destes mais adiante como clássicos modernos.

Mas, vamos começar pelas primeiras histórias que, ao permanecerem na memória, no imaginário e nos livros, sendo recontadas ao longo dos tempos, se tornaram clássicos: as fábulas.

As Fábulas

As fábulas são narrativas orais, presentes na Grécia desde o século VII a. C. Aparecem em textos clássicos de filósofos como Sócrates e teve como um dos principais fabulistas ou coletores de fábulas, a figura de Esopo. Os textos coletados por Esopo são apresentados às crianças logo cedo, devido à crença de que seu conteúdo apresenta fundo moral e como as histórias são curtas, seriam indicadas ao público infantil. Mas conforme Duarte (2013), na apresentação do livro *Esopo: fábulas completas*, há muito mais nessas histórias:

No entanto, longe de pertencer ao universo infantil, na antiguidade o gênero fabular dizia respeito a toda a sociedade, constituindo um meio importante de transmissão dos valores do grupo. Fortemente enraizado na cultura popular, faz companhia aos provérbios e máximas, formas por excelência didáticas e que se prestam como exemplo quando inseridas em obras de escopo mais amplo (Duarte *apud* Esopo, 2013, p. 10).

De certo modo, o gênero fábula já abarca características didáticas desde sua gênese colocando-o em relação com os aspectos culturais dos tempos em que foram produzidos e registrando crenças e



valores que, atualizados, permanecem no cerne das relações sociais contemporâneas. Além do caráter instrucional, próprio da maioria das fábulas, que se perpetuou largamente de forma oral, a impressão dos textos coletados por Esopo, logo com o advento da imprensa de Gutemberg, contribuiu enormemente para que essas histórias chegassem até nós. A primeira impressão das Fábulas conferidas a Esopo datam de 1474, daí a importância dos textos e de seu compilador.

Contos de Fadas

Hoje falamos de contos de fadas diretamente ligados ao universo infantojuvenil, no entanto, vale lembrar, que esse aspecto mais lúdico e fantasioso é característico dos tempos modernos e os conceitos de infância, inexistentes na época em que surgiram. Ao advogado e poeta Charles Perrault é dado o crédito de ter iniciado esse processo por meio da compilação de contos infantis que tinham origem nas tradições orais, na primeira coletânea datada do século XVII. Foram elas: *A Bela Adormecida no Bosque*; *Chapeuzinho Vermelho*; *O Barba Azul*; *O Gato de Botas*; *As Fadas*; *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*; *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*.

Dotadas de acontecimentos fantásticos, mágicos, disputa entre o bem e o mal, onde o natural e o sobrenatural se misturam e geralmente com finais felizes, os contos de fadas como gênero literário nascem com Perrault e se difundem efetivamente no século XVIII com os Irmãos Grimm a partir de suas pesquisas sobre as invariantes linguísticas originárias nas narrativas orais.



Para Corso (2006, p. 27), “Contos de fadas ou conto maravilhoso não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantados. Maravilhoso provém do latim *mirabilis*, que significa admirável, espantoso, extraordinário, singular”.

Assim chegaram à catalogação de uma diversidade de contos que vinham sendo repassados de geração em geração. Dentre eles: *A Bela Adormecida*; *Branca de Neve e os Sete Anões*; *Chapeuzinho Vermelho*; *A Gata Borralheira*; *O Ganso de Ouro*; *Os Sete Corvos*; *Os Músicos de Bremen*; *A Guardadora de Gansos*; *Joãozinho e Maria*; *O Pequeno Polegar*; *As Três Fiandeiras*; *O Príncipe Sapo*. São responsáveis também por grandes adaptações no enredo original influenciados pelo pensamento cristão ao qual estavam ligados à época, já que em alguns casos havia temas e abordagens que foram vistas como polêmicas.

Essa transcrição de uma literatura da oralidade para o texto impresso e as adaptações ou interpretações de quem as registrou traz questões pertinentes ao estudo da literatura infantojuvenil e sua relação com a educação, no momento em que fomenta a necessidade de estudo e pesquisa sobre os textos de forma a relacioná-los com os objetivos propostos para a formação escolar. A própria compreensão desse processo de apropriação e adaptação, por si só, é um excelente tema de estudo e investigação.

Os resultados da pesquisa de Larentis (2010) podem colaborar para a ampliação das reflexões sobre esse assunto, onde a autora apresenta aspectos da relação entre a publicidade e os contos de fadas.



Contexto histórico



Embora tenhamos alguns estudos e datas referentes ao início da história da Literatura Infantojuvenil, é necessário lembrar que tudo se passava em um tempo de poucos recursos sendo inicialmente através de registros manuais, dos quais muitos se perderam ao longo do tempo. Dessa forma, precisamos nos questionar sobre esse princípio e para isso, Coelho (2008,) traz algumas perguntas pertinentes:

Quando e onde teriam nascido essas narrativas maravilhosas, que hoje conhecemos como Literatura Infantil Clássica? Quem teria inventado essas histórias que os avós dos nossos avós já conheciam e contavam para as crianças, nas noites de serão familiar? Onde teriam nascido Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Ali Babá e os Quarenta Ladrões, o Pequeno Polegar [...] Onde teriam nascido as fadas? Em que lugar do mundo teriam acontecido os encantamentos? As magias? As bruxarias ou metamorfoses que envolviam animais falantes, sapos que se transformavam em príncipes, princesas que dormiam durante cem anos e eram acordadas pelo beijo amoroso de um príncipe? E as meninas maltratadas pela madrasta que se transformavam em formosas donzelas, que calçavam sapatinhos de cristal? (p. 27).

Antes que esses personagens e essas histórias maravilhosas passassem aos livros ricamente ilustrados ou chegassem ao cinema, com amplos índices de bilheteria, circularam na oralidade, nas tradições culturais e se mantiveram vivas pela memória do povo. Portadoras de histórias de sua permanência, de sua sobrevivência em tempos de produções massificadas e generalistas.



Vejamos:

Clássicos Folclóricos

Muitas das histórias e contos de fadas que chegaram até nós descendem da oralidade, da tradição folclórica de diferentes culturas. São aquelas histórias passadas de geração em geração e, por conta disso, vão sofrendo modificações ao longo do tempo, encontrando outras culturas e recebendo influências e/ou influenciando outras histórias. Muitas dessas narrativas foram compiladas por autores que as recontaram e nesse processo de recolher e reproduzir também acabaram por imprimir nelas algumas modificações.

Desde Esopo e Fedro, na Antiguidade Clássica, que recolheram as fábulas; La Fontaine, no século XVII, que vai reescrevê-las e criar outras; Charles Perrault, coletando, reescrevendo e criando contos, iniciando aí o que chamamos de “contos de fadas”; os Irmãos Grimm, também no século XVIII, reescrevendo os contos e continuando o trabalho de coleta de narrativas. O que chamamos de literatura infantojuvenil vem agregando a si, por meio dos escritores, as mudanças dos tempos.

Este legado chegará ao século XIX com o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) que dá continuidade à estética desenvolvida pelos Irmãos Grimm, porém:

Um aspecto importante difere as histórias de Andersen das narrativas anteriores, pois, baseado na fé cristã, criou elementos que falavam às crianças sobre a necessidade de compreender a vida como um caminho tortuoso a ser percorrido com retidão e resiliência para que enfim, na morte, o céu fosse alcançado. Os contos de Andersen são considerados os mais tristes, pois muitos deles não apresentam um final feliz (Perez, 2017, s/p).



Mesmo que essas narrativas também tenham sido construídas ou reescritas por todos esses autores, a base é a tradição folclórica, o lugar comum onde moram todas as histórias. Também vale a pena frisar que, enquanto tradição folclórica, estes autores se basearam na memória do povo para registrar as histórias, mas não apenas. La Fontaine e Irmãos Grimm foram grandes pesquisadores e buscaram fontes históricas para comparar, ampliar, recontar e trazer a público muitas das narrativas que hoje continuam a ser revisitadas não só pela literatura, como por outros meios culturais. Podemos vê-las em peças de teatro, filmes, desenhos animados e outras produções.

Abaixo apresentamos um quadro com algumas informações sobre cada um desses autores que recolheram ou criaram histórias que compõem hoje o acervo de fábulas e contos constituindo a base da Literatura Infantojuvenil:

Quadro 5: Autores que recolheram/criaram histórias



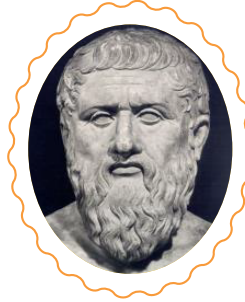
ESOPO (Aesop)

Nascimento: 600 a.C., Turquia (?).

Falecimento: 564 a.C., Delfos, Grécia.

Fonte: Fábulas de Esopo

Disponível em: <https://fablessofaesop.com/general-introduction.html>



FEDRO

Nascimento: 15 a.C., Roma.

Falecimento: -50 d.C., Roma (?).

Fonte: Pensador

Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/fedro/biografia/>



LA FONTAINE

Nascimento: 08 de julho de 1621.
Chateau-Thierry. França.

Falecimento: 13 de abril, 1695.
Neuilly-sur-Seine. França.



CHARLES PERRAULT

Nascimento: 12 de janeiro, 1628.
Paris/França.

Falecimento: 16 de maio, 1703.
Paris/França.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Jean_de_La_Fontaine

Fonte: https://pt.wikisource.org/wiki/Autor:Charles_Perrault



IRMÃOS GRIMM

Jacob Grimm

Nascimento: 04 de janeiro de 1785, Condado de Hesse-Darmstadt/Alemanha.

Falecimento: 20 de setembro de 1863, Berlim/Alemanha.

Wilhelm Grimm

Nascimento: 24 de fevereiro de 1786, Berlim/Alemanha.

Falecimento: 16 de dezembro 1859, Alemanha.

Fonte: Folha de São Paulo

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/09/quem-foram-os-irmaos-grimm>



HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Nascimento: 02 de abril de 1805, Odessa/Dinamarca.

Falecimento: 04 de agosto de 1865, Copenhague/Dinamarca.

Fonte: Books on the wall

Disponível em: <https://booksonthewall.com/blog/five-eternal-hans-christian-andersen-fairy-tales/>

Fonte: Autoral, 2023

Da tradição folclórica, podemos destacar algumas histórias que foram recolhidas e reescritas ao longo dos tempos e que se tornaram clássicos das narrativas para crianças e jovens. Um desses é a estória da *Chapeuzinho Vermelho*.



Compilada por Perrault, no século XVII, que inicialmente apresentava um fim trágico para a menina, pois não havia uma preocupação em adaptar os enredos mais trágicos, desde então vem sendo suavizada. A primeira versão francesa impressa data de 1697. Em 1857, os Irmãos Grimm recontam a história acrescentando o personagem do lenhador que surge para salvar a menina de uma possível tragédia, resgatando a menina.

Entretanto, em todas as versões, é possível reconhecer a estrutura básica do conto original:

Mas se existiram tantas maneiras de contar essa história, numas a menina se salva, noutras é devorada, por vezes precisa de ajuda, por outras foge sozinha, como entender que reconheçamos todas como Chapeuzinho Vermelho? Na verdade, como em outros contos, todas as formas são válidas, inclusive as modernas visivelmente moderadas, pois estas são as necessárias para nossa sensibilidade atual. Todas as narrativas mantêm o essencial, por isso são reconhecidas, afinal o que faz um conto são os elementos em jogo, não necessariamente os seus desfechos. O conto da Chapeuzinho contém um drama sobre a perda da inocência, e isso está preservado em todas as versões (Corso, 2006, p. 53).

Muitas outras versões ainda surgirão deste e de outros contos, como o filme “Deu a louca na Chapeuzinho” lançado no Brasil em 2006 e “Deu a louca na Chapeuzinho 2” de 2011, reavivando a memória desses contos clássicos, sendo esse um dos fatores que mantém essas narrativas vivas e ativas nos dias de hoje.



Clássicos Autorais



Como vimos anteriormente, algumas narrativas advindas da oralidade e da tradição popular se tornaram clássicos da literatura, depois de terem sido recolhidas e compiladas em publicações a partir do século XVI. Nesse processo, também se misturou a produção autoral e a coleta de narrativas, uma vez que os autores citados no quadro anterior fizeram suas interpretações ao registrarem as histórias. Além dessas obras coletadas, e talvez inspirados por elas, alguns autores passaram a criar suas próprias narrativas, produzindo o que se denomina como criações autorais, ou seja, foram registradas como inéditas e algumas delas se tornaram clássicos de grande sucesso, como por exemplo *A Bela e a Fera*.

a) *A Bela e a Fera*

A história da bela jovem que precisa se casar com um “noivo-fera” pode nos remeter aos casamentos arranjados, mas não foi por isso que resistiu ao tempo e chegou até nós. Essa história ficou conhecida a partir das versões de duas damas francesas, no século XVIII, Madame Beaumont, 1756 e Madame Villeneuve, 1740.

A versão de Madame Beaumont, de 1756, é uma versão reduzida da história. Conta os problemas do comerciante que perdeu todos os seus bens e foi morar em uma casinha isolada com as três filhas, sendo uma delas, Bela. Foi esta versão que saiu para as telas, com novos acréscimos como o personagem Gaston, que não aparece na primeira versão.



A versão anterior, de Madame Villeneuve, de 1740, é bem mais detalhada e o comerciante tem muitos filhos, homens e mulheres. Há muito mais encantamentos no castelo e segredos que só são revelados depois que se dá a quebra do feitiço a que a Fera está subjugada. Há muito mais lições de moral também, especialmente sobre a “mulher virtuosa” da qual Bela segue sendo exemplo. Encontramos ainda outras personagens femininas fortes, fadas boas e más, que determinam todo o desenrolar da narrativa.

Na versão adaptada para o cinema pela Disney:

[...] fica mais realçado o encantamento sofrido por Fera. A rosa é usada como uma espécie de ampulheta, um símbolo do tempo que lhe resta para que o feitiço seja quebrado: com o passar dos anos, as pétalas caem, quando cair a última, ele morrerá sem ter sido amado e perderá a chance de voltar à forma original. Com esse recurso, a história se aproxima mais das tradicionais narrativas de noivos animais (Corso, 2006, p. 137).

Assim como em outros gêneros, a partir de sua divulgação passam a inspirar novas interpretações e criações, reforçando as características iniciais e desenvolvendo outras possibilidades e alguns casos criando, segundo estudiosos, subgêneros.

b) O Patinho Feio

Segundo Corso (2006), foi escrito por Hans Christian Andersen em 1843 e agrada particularmente crianças pequenas, não traz nenhum drama amoroso. Trata-se de um conto de fadas sem fadas ou bruxas,



mas apresenta o elemento mágico. Sua luta de superação é interior e não combatendo um inimigo externo. É uma história que começa com um ovo diferente entre outros ovos de uma pata. A pequena ave nasce e cresce percebendo-se diferente, convive com maus tratos e rejeições até descobrir-se um belo cisne:

Para efeitos de atualização das questões abordadas, lançamos mão à análise daquele que consideramos uma versão moderna para O Patinho Feio, de Andersen. Trata-se de um filme em animação de Walt Disney, denominado Dumbo, que tem com o conto coincidências e diferenças que nos permitirão discutir questões sobre a infância contemporânea (Corso, 2006, p. 32).

Corso (2006) também afirma que:

O Patinho Feio já se descolou de seu criador, foi apropriado por todos e circula em várias versões. Sua força é tal que muitos chegam a crer que é um conto da tradição oral, o que serve para provar que as criações literárias podem ter a mesma pregnância que os contos ancestrais (p. 36).

Em 1939, a Disney produziu um curta-metragem que atualmente pode ser encontrado no Youtube.



c) **A Menininha dos Fósforos**

Também conhecido como A Pequena Vendedora de Fósforos, este conto foi escrito por Andersen e data do período de 1845-1848. Sobre ele encontramos o seguinte comentário de Coelho (2011), no livro Contos de Hans Christian Andersen:

Escrito no Castelo de Graasteen, onde Andersen permanecera em uma de suas viagens, esse conto atendeu pedido de seu amigo Flinck, a partir de uma gravura, escolhida entre as três que lhe haviam sido mandadas: a da menininha órfã que vendia fósforos na rua, em plena noite de frio e neve, véspera do Ano Novo. É este um dos mais traduzidos e divulgados contos de Andersen para crianças e também dos mais ternos e dolorosos, em sua denúncia da indiferença do mundo em relação aos desvalidos entregues à própria sorte (p. 278).

Neste conto também podem ser encontradas diferentes versões em animação e filme disponíveis em canais do Youtube. Com destaque, podemos citar a versão *A Menina dos Fósforos*, uma produção da TV Escola, como parte da série 10 Contos de Fadas.

Folclóricos/Autorias

Entre essas duas categorias (folclóricos e autorais) existe outra que podemos denominar de “folclóricos/autorais”, que seriam as histórias reescritas por seus compiladores. As interpretações de cada um para essas narrativas, conferindo-lhes uma parte de autoria, ao selecionar,



mesclar, ampliar as narrativas coletadas atribuindo-lhes características da linguagem em que se produz e ao contexto de sua época.

A professora Karin Volubief dá um exemplo durante entrevista ao Programa Literatura Fundamental 93, da UNIVESP TV. Ela diz que, os Irmãos Grimm ouviram muitas histórias e fizeram suas interpretações e adaptações, como na história *A Bela Adormecida*, que de acordo com documentos coletados, teria um dos seus trechos assim descritos: A menina, pica o dedo na roca e cai desmaiada e todos no castelo adormeceram com ela. Mas o que se publicou da história ouvida foi o seguinte:

A menina picou o dedo e caiu desmaiada. O rei e a rainha que estavam na sala do trono, adormeceram. Os lacaios, os servos, todos os que estavam reunidos na corte, adormeceram também. Até na cozinha, o cozinheiro que preparava uma galinha, adormeceu. A mosquinha na parede, adormeceu. A pombinha que estava no telhado, pôs a cabecinha embaixo da asa e adormeceu. E o fogo que estava creptando, adormeceu (Grimm; Grimm, 2009, p. 30).

Eis então um exemplo da participação dos compiladores na reinvenção das histórias.

Clássicos Modernos

Após séculos de tradição, os contos e fábulas chegam à modernidade carregados de novos sentidos e interpretações, abarcando novos conflitos sociais e estéticas culturais, agregadas aos mesmos ao longo dos anos. Da mesma forma, diversos pesquisadores dedicam-se a



refazer trajetórias de forma a garantir acesso às versões originais dessas narrativas, o que conta com o apoio de muitas editoras modernas que frequentemente lançam coleções desses textos clássicos, muitas vezes comparados com suas versões mais atuais.

Muitos estudos são realizados na área atualmente buscando identificar as possíveis características dos contos modernos e quais histórias teriam influência e potencial para chegar às crianças e jovens de hoje. Há uma forte tendência em aspectos pedagógicos das produções para este público, muitas vezes seguindo diretrizes estabelecidas pelo próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (2014), ou ainda narrativas criadas a partir dos Temas Transversais.

Não é raro “vermos” personagens de contos clássicos vivendo situações do mundo moderno e apresentando “estratégias de conduta”, a exemplo do que acontece nos episódios de He-Man e She-Ra (desenhos exibidos no Brasil nos anos 1990), onde os personagens ao final de cada episódio aparecem refletindo e orientando sobre determinados assuntos comportamentais.

Corso (2006) apresenta uma seleção de obras que considerando os aspectos supracitados são tidas como Clássicos Modernos:

Quadro 6: Clássicos modernos



WINNIE THE POOH

Alan Alexander Milne

Nós o conhecemos pelo desenho como “Ursinho Pooh”. Foi escrito por Alan Alexander Milne em 1926, comprado pela Disney que produziu o desenho em 1966. Explora a lógica do pensamento infantil: animismo, egocentrismo, pensamento mágico e compreensão literal da linguagem. Também explora o valor social da infância moderna e o “amigo imaginário”.

Fonte: Genius. Disponível em: <https://genius.com/artists/Aa-milne>



TURMA DA MÔNICA

Maurício de Souza

Os quadrinhos começaram a ser desenhados por Maurício de Souza em 1960, e foram tiras de jornal até se transformarem nas revistas a partir de 1970. Apresenta a agressividade das crianças pequenas, a capacidade de estar só, a construção do eu.

Fonte: Amino. Disponível em: https://aminoapps.com/c/turma-da-monica-jovem/page/item/mauricio-de-souza/GYLk_BNHV10Wx3epnJLmdqKV0arxw3BvD6



PINOCCHIO

Carlo Collodi (1883)

Inicialmente um folhetim, publicado entre 1881 e 1883, em Roma. O autor, Collodi, escreveu livros didáticos e traduziu as obras de Perrault para o italiano. Pode ser entendido como uma fábula às avessas, pois está permeada de lições de moral a cada aventura malsucedida do boneco.

“Junto com Peter Pan, esta é uma das primeiras histórias onde se questiona o mundo adulto, já há nessas obras uma ponta do desprestígio que a maturidade hoje vem largamente assumindo. Não se trata apenas de não crescer, mas de não acreditar que ser adulto seja grande coisa e, convenhamos, é uma tese bem revolucionária para a época” (Corso, 2006, p. 224).

Versão Disney: Pinóquio é um boneco que ganha vida. Seu amigo grilo lhe aconselha a não se meter em confusões, mas ele não ouve as sugestões e se envolve em vários problemas. Para esconder suas ações, ele mente ao seu criador, o bondoso Gepeto, e a cada mentira, o nariz de Pinóquio cresce mais. Um dia, ele é obrigado a salvar o pai, preso dentro de uma baleia. Com a ajuda de uma fada, torna-se humano.

Versão original: O personagem é muito mais manipulador na história “As Aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi. Assim que aprende a falar, ele foge de casa. Quando o grilo falante tenta dar bons conselhos, Pinóquio se irrita e mata o amigo com uma martelada na cabeça. Depois, ele fala com mortos e fica agonizando quando dois perseguidores o enforcam. Ele escapa. Gepeto é engolido por um tubarão, ao invés de uma baleia. No fim da história, Pinóquio está à beira da morte.

Fonte: Medium. Disponível em: <https://medium.com/@nicoletrogen/the-adventures-of-pinocchio-63a21ad441dc>

Fonte: https://disney.fandom.com/wiki/Pinocchio_books?file=Pinocchio_classic_storybook.gif



PETER PAN E WENDY

James Matthew Barrie (1860 - Escócia / 1937 - Londres)

James Matthew Barrie perdeu seu irmão em um acidente de patinação no gelo. Sua mãe o travestia como seu irmão para fingir que o menino ainda estava vivo.

1902 - *The Little White Bird* - primeira aparição de Peter Pan: (Pan, deus grego das florestas); Adaptado para teatro na peça Peter Pan, *The Boy Who Wouldn't Grow*, estreou em Londres em 1906. Adaptação: Peter Pan in Kensington Gardens;

1911 - Publicação do livro Peter and Wendy; O texto da peça teatral foi publicado em 1928. Versão de Monteiro Lobato, 1930. Filme da Disney, 1953.

“A vida de Sininho fica por um fio em determinado momento, e Peter a salva solicitando que as crianças de todos os lugares, a quem tinha acesso através de seus sonhos, batessem palmas para demonstrar que acreditavam em fadas, portanto as fadas nascem com o primeiro sorriso das crianças e se mantêm vivas enquanto elas acreditam em sua existência.” (Corso, 2006, p. 234).

Versão Disney: Peter Pan é um garoto que não quer crescer. Com ajuda do feitiço da fada Sininho, ele ensina Wendy e seus irmãos a voarem até a Terra do Nunca, um lugar onde o tempo passa de maneira diferente. Lá, o Capitão Gancho tenta se vingar de Peter Pan, pois atribui ao garoto a culpa de ter perdido uma de suas mãos em uma batalha.

Versão original: A história de J. M. Barrie não foi tão modificada. com algumas exceções sórdidas. Quando os Garotos Perdidos envelheciam, o próprio Peter Pan se encarregava de matá-los para evitar a superpopulação na Terra do Nunca. Outra história, *Peter Pan in Kensington Gardens*, sugere que o garoto enterrava cadáveres diariamente, incluindo bebês que se perdiam e eram assassinados.

Fonte: Amoler. Disponível em: <https://www.amoler.com.br/peter-pan-e-wendy>

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Peter-Pan-French/dp/B000ENWHQS>



O MÁGICO DE OZ

(O maravilhoso mágico de Oz)

(O maravilhoso feiticeiro de OZ)

Lyman Frank Baum (1856-1919)

O livro foi escrito por Lyman Frank Baum e publicado em 1900. Literatura norte-americana faz parte do que seria uma série de 15 livros contando as aventuras das personagens. Também descrito como “romance infantil”. Seu autor, membro da Sociedade Teosófica, o que influenciará suas narrativas. Possui inúmeras versões e adaptações para o teatro, musicais e cinema.

“Durante 20 anos, Baum escreveu 15 volumes da série. Até o fim da vida, em 1919, ele ocupou o cargo de *Historiador Real de Oz*, denominação assumida para demarcar que o mundo mágico havia transcendido seu controle, tornando-se ele próprio um personagem de sua criação. Após sua morte, a incumbência de seguir adiante ficou aos cuidados de outra escritora: Ruth Plumly Thompson, que produziu um volume por ano, até 1939” (Corso, 2006, p. 244).

Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/801359327434131628/>



HARRY POTTER

Joanne Rowling (1965- Reino Unido)

O sucesso da obra começa com a literatura, chega às telas de cinema em seguida com uma gama de produtos infantis. A autora Joanne K. Rowling, publicou o primeiro livro em 1997 (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*). A partir de 2001, os livros ganharam as telas. Foram 7 livros e 8 filmes. Entre outras temáticas, a obra aborda a adolescência como ideal social, a magia na literatura infantojuvenil, as dificuldades e conflitos com a passagem da infância para a idade adulta.

Fonte: Diário Correo. Disponível em: <https://diariocorreo.pe/miscelanea/la-autora-de-harry-potter-lanzara-tres-nuevos-libros-en-formato-digital-692261/>



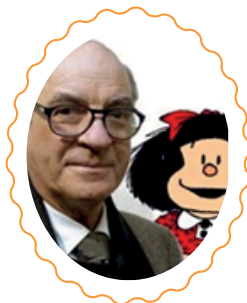
PEANUTS

Charles Monroe. Schulz (1922, EUA - 2000, Califórnia, EUA)

Surgiu em tiras de jornal em 1950, esteve presente em 2.600 periódicos em 75 países. “São uma turma de crianças, algumas em idade pré-escolar e outras que já frequentam a escola primária. Algumas personagens surgiram como bebês e foram crescendo, outras nasceram ao longo da história, mas nenhuma delas chegou até a adolescência” (Corso, 2006, p. 270).

Os personagens da turma são: Charlie Brown (Minduim), Lucy, Schroender (admirador de Beethoven), Patty Pimentinha, Marcie (amiga de Patty). Mas a grande estrela do grupo é o cachorrinho Snoopy.

Fonte: Indica Livros. Disponível em: <https://indicalivros.com/livros/o-melhor-de-peanuts-charles-m-schulz>



MAFALDA

Joaquín Salvador Lavado Tejón “Quino” (Argentina, 1932- 2020)

“Ela é a personagem principal de tiras humorísticas, publicadas na Argentina desde 29 de setembro de 1964 até 25 de junho de 1973. Quando terminou sua temporada nos jornais, sobreviveu nas décadas seguintes graças às compilações em livros, a bordo dos quais chegou às gerações posteriores e a vários países. Os livros de Mafalda foram traduzidos para seis línguas e alcançaram sucesso tanto na Europa quanto na América Latina. Além disso, a personagem se popularizou em objetos como pôsteres e camisetas” (Corso, 2006, p. 277).

Fonte: Cadena Nueva. Disponível em: <https://www.cadenanueve.com/2021/07/17/194191/>



CALVIN

William Boyd Watterson (1958, Washington, D.C., EUA)

Foram tirinhas desenhadas durante uma década: entre 1985 e 1996. Atingiu 2.400 jornais ao redor do mundo.

“Ao contrário da turma de Charlie Brown, o menino Calvin e seu tigre Haroldo (que é simultaneamente um tigre de pelúcia, para os outros, e um amigo de verdade, para seu dono) não produziram nenhum tipo de subproduto” (Corso, 2006, p. 281).

Fonte: PNG Mart. Disponível em: <http://www.pngmart.com/image/47648>

Fonte: Próprio autor, 2020



Síntese

Ao longo da história da Literatura Infantojuvenil as narrativas orais foram coletadas e registradas, dando materialidade às histórias e garantindo, de certo modo, sua sobrevivência. Nesse processo, outras interpretações foram feitas, inspiradoras de imaginação fomentaram novas escritas e desencadearam o que se consolidou como gênero e hoje é parte do nosso processo de formação, estando presente nos currículos escolares (ainda que não de forma ideal).

A diversidade e riqueza dessas produções literárias ultrapassam os tempos e modismos e permanecem presentes em diversos formatos e versões até o presente. Reeditadas, adaptadas ou impressas em novas tipografias, esses chamados “clássicos” ainda continuam alimentando sonhos e inspirando novos escritores, como referenciais e indicadores estéticos da literatura infantojuvenil. Conhecê-los é ponto crucial no processo de formação acadêmica tanto pelo seu sentido histórico, para o estudo da área, como para reconhecê-los nos tempos atuais quando revisitados nas diversas formas possíveis presentes em nossa contemporaneidade.

Aprofundando o conhecimento

O estudo dos clássicos da literatura infantojuvenil também pode ser visto sob outras perspectivas que tanto ampliam como podem embasar o trabalho docente com as publicações desse gênero. Estes clássicos podem ser lidos pelo viés da psicanálise, da psicologia, pela literatura comparada e pelo seu caráter pedagógico. Estas

áreas do conhecimento também se debruçaram sobre as produções e estabeleceram relações e paralelos com seus objetos de estudo colaborando de forma interdisciplinar para a apreciação das mesmas

Questão para reflexão

Considerando a atuação no campo da educação e tendo a literatura infantojuvenil como conteúdo e estratégia de mediação de conhecimento, como você percebe, na sua prática, a importância que tem dado a esse tema e como, a partir de agora, você enxerga a temática e a necessidade de estudá-la?

Atividade de aprendizagem

Considerando o quadro abaixo MARQUE de acordo com sua experiência por quais suportes você tomou conhecimento das obras:

OBRA	Livros	Filmes	Não conheço
La Fontaine: A cigarra e a formiga			
La Fontaine: A raposa e a cegonha			
La Fontaine: O galo e a pérola			
La Fontaine: O galo e a raposa			
La Fontaine: A raposa e as uvas			




Irmãos Grimm: Chapeuzinho vermelho			
Irmãos Grimm: Cinderela			
Irmãos Grimm: O pequeno polegar			
Irmãos Grimm: Rapunzel			
Irmãos Grimm: Branca de neve			
Charles Perrault: A Bela Adormecida			
Charles Perrault: Barba Azul			
Charles Perrault: O Gato de Botas			
Hans Christian Andersen: A Sereiazinha			
Hans Christian Andersen: O Patinho feio			
Hans Christian Andersen: A Menininha dos fósforos			
Madame de Beaumont/Madame de Villeneuve: A bela e a fera			
Carlo Collodi: Pinóquio			
J. M. Peter Pan: Peter Pan			
L. Frank Baum: O Mágico de OZ			
Saint Exupéry: O pequeno príncipe			

Fonte: Próprio autor, 2020



Leitura indicada

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

Filmografia indicada

<https://www.youtube.com/watch?v=vvzxYWUt2uE>.
Ciência & Letras - Os Contos de Charles Perrault. Nesse vídeo, a pesquisadora Eliane Bueno-Ribeiro, que traduziu os Contos de Charles Perrault para a Editora Paulinas, fala sobre o contexto em que ele escreveu esses contos. E que é esse o momento em que as histórias tradicionais e folclóricas, advindas da oralidade e das mulheres passa a um patamar de arte acadêmico, porque Perrault era da Academia Francesa. E quem dá abertura pra isso é Luís XIV, que rompe com o clássico que vem desde os gregos e inicia o que entendemos como moderno.

<https://www.youtube.com/watch?v=11Lue7Obokg>.
A professora Karin Volobuef, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara fala sobre o trabalho dos Irmãos Grimm que coletaram mais de 200 histórias germânicas tanto as transmitidas pela tradição oral, quanto outras publicadas em textos antigos da idade média. Comenta os textos das histórias, o conteúdo delas e seu valor literário. Histórias que sobreviveram até hoje, mas ao longo do tempo tiveram seu conteúdo alterado.

<https://www.youtube.com/watch?v=sTDF0YtWRO4>.
A professora Karin Volobuef, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, fala sobre os Contos de Hans Christian Andersen - o escritor dinamarquês que



ficou mundialmente famoso por sua literatura infantil em uma época em que havia poucos livros que pudessem ser lidos para crianças. São dele algumas histórias que sobreviveram quase dois séculos como a Roupas novas do imperador, O patinho feio, A pequena sereia, o Soldadinho de chumbo e a Pequena Vendedora de Fósforos.

<https://www.youtube.com/watch?v=xXGoYwynOds>. Dez Contos de Fada - A Menina dos Fósforos. Episódio da série DEZ CONTOS DE FADA, que mostra algumas das histórias mais conhecidas do famoso escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875).

Referências

ANDERSEN, H. C. *Contos de Hans Christian Andersen*. Trad. Silva Duarte. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA). Brasília, DF, 1990. (Vide Lei nº 13.438, de 2017). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

COELHO, N. N. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CORSO, D. L.; CORSO, M. *Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis*. São Paulo: Artemed, 2006. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/diana-l-corso-e-mc3a1rio-corso-fadas-no-divc3a3-psicanc3a1lise-nas-histc3b3rias-infantis.pdf>.

ESOPHO. *Fábulas Completas*. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner e Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 443.

GRIMM, J.; GRIMM, W. *A bela adormecida*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

LARENTIS, M. *Contos de fadas na publicidade: branca de neve, consumo e representações*. 2010. 79 f. Monografia (Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Universidade de Caxias do Sul, 2010.

MACHADO, A. M. *Como e por que ler: Os clássicos Universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PEREZ, L. C. A. História dos contos de fadas. *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>. Acesso em: 18 set. 2017.

SCHUEROFF, A.; CAGNETI, S. S. (orgs.). *Livro dos livros: resenhas do Prolij*. Joinville, SC: Editora Univille, 2010.



As narrativas regionais do Brasil

*Katty Anne de Souza Nunes
Ricardo Lopes*



As narrativas, incluindo mitos e lendas, permeiam a humanidade desde a antiguidade. Há quem diga que surgiram no Egito ou na Índia, o certo é que elas se perpetuam ao longo do tempo, basta lembrar que são conhecidos, até os dias atuais, importantes mitos gregos, egípcios, romanos e de outros povos.

Mas o que vem a ser um mito?

O mito, segundo Costa (2017, p. 20), é “[...] uma narrativa que tem o intuito de explicar coisas que a ciência não conseguiu respostas, colocando como responsável pelos grandes feitos personagens sobrenaturais superiores a todos”.

Ao se falar de mito, a referência sempre será sobre a origem do mundo e a história dos homens. Já as lendas, acabam sendo narrativas que carregam aspectos culturais, são fantasiosas e passadas de geração em geração. Elas baseiam-se em fatos históricos e reais que são misturados com a imaginação.

O Brasil, por ser um país de dimensões continentais, apresenta uma rica diversidade cultural, o que impacta profundamente suas narrativas. No entanto, os estudos das histórias regionais e a valorização dessa identidade cultural é recente, as narrativas amazônicas, então, são mais recentes ainda, pois até o século XX os relatos sobre essa região ficavam nas mãos dos estrangeiros/colonizadores.

Em sua obra, sobre a análise da literatura brasileira, Rafael (2020) afirma que:

Silvio Romero foi o crítico literário que trouxe para a historiografia da literatura brasileira o folclore popular. As lendas, as canções, os contos, os mitos e as danças das três



raças: índio, negro e português, foram compilados a fim de se compreender como se manifestou a cultura brasileira, e como foi se formando ao longo do tempo (p. 54).

É certo que, ao evidenciarmos esse olhar para as particularidades que cada cultura traz, contribuímos para a valorização da identidade local; para o incentivo à produção oral e escrita; para a memória de um povo, assim como para darmos voz à diversidade existente em nosso país.

Darcy Ribeiro, em sua obra *O povo brasileiro* (1995), fala sobre “O Brasil de vários brasis”, devido a tantas diferenças culturais, sociais e econômicas que ocorrem de norte ao sul do país. E esse “brasis” apresenta-se riquíssimo em lendas, como por exemplo:

Norte: Matinta Perera

Nordeste: Cuca

Sudeste: Procissão das almas

Centro-Oeste: Pai do Mato

Sul: Negrinho do Pastoreio

Que tal conhecer melhor cada uma dessas lendas?

É certo que essas histórias são transmitidas oralmente, correm por todo o país e se mesclam, se adaptam e vão ganhando outras versões.

Trazendo ênfase para a região Amazônica, podemos destacar: Iara, Curupira, Boto, Boitatá, Guaraná, Mandioca e tantas outras.

Ressaltamos que esses mitos e lendas surgem quando o homem, em sua necessidade de ter explicação para os fatos, usa a sua imaginação, o que acaba por influenciar diretamente nossos costumes e até mesmo crenças.



LENDAS AMAZÔNICAS



Transmitida pela tradição oral, as lendas costumam misturar fatos reais com ficções, histórias com muita imaginação. Nossa riqueza cultural e a beleza amazônica contribuem para a criação das lendas populares, citamos abaixo algumas:⁷

Lenda de Iara

É uma das histórias mais conhecidas da Amazônia. A Iara é descrita como uma linda mulher morena, de cabelos negros e olhos castanhos. Ela exerce grande fascínio nos homens e aqueles que a veem banhar-se nos rios não conseguem resistir aos seus encantos e atiram-se nas águas. Eles nem sempre voltam vivos e os que sobrevivem, ficam assombrados, falando em castelos, séquitos e cortes de encantados. É preciso muita reza e pajelança para quebrar o encantamento. Alguns descrevem Iara com uma cintilante estrela na testa, que funciona como chamariz que atrai e hipnotiza os homens. Acredita-se também que ela tem forma de peixe na parte inferior do corpo, outros dizem que é apenas um vestido, ou uma espécie de saia que ela veste por vaidade e para dar a ilusão de ser metade mulher, metade peixe. Em certos locais, dizem que a Iara é um boto-fêmea. Em outros lugares dizem ser a própria Boiúna (cobra grande).

⁷ Disponível em: <https://portalamazonia.com/variedades/conheca-as-lendas-da-amazonia-que-mexem-com-imaginario-popular-del/>.



Lenda da Cobra Grande

A Cobra Grande, ou Boiúna, é uma lenda amazônica que fala de uma imensa cobra que cresce de forma desmensurada e ameaçadora, abandonando a floresta e passando a habitar a parte profunda dos rios. Ao rastejar pela terra firme, os sulcos que deixa se transformam nos igarapés. Conta a lenda que a Cobra Grande pode se transformar em embarcações ou outros seres. Ela está presente em diversos contos indígenas, um deles conta que em uma certa tribo, uma índia, grávida da Boiúna, deu à luz a duas crianças gêmeas. Uma delas, má, atacava os barcos, naufragando-os. A história tornou-se célebre no poema Cobra Norato, de Raul Bopp, sendo encenado, inclusive, em teatros de vários países. No mundo real, a verdadeira cobra grande é a sucuriju, ou sucuri, a temida anaconda. O animal pode atingir mais de 10 metros de comprimento. Ela mata as presas por constrição, apertando-as até a morte. Celebrizada em filmes de terror, é temida pela população ribeirinha, pois habita as áreas inundáveis e é dotada de grande força, sendo capaz de neutralizar qualquer tentativa de defesa da vítima.

Lenda do Mapinguari

Os caboclos contam que dentro da floresta vive o Mapinguari, um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo. Para uns, ele é realmente coberto de pelos, porém usa uma armadura feita do casco da tartaruga. Para outros, a sua pele é igual ao couro de jacaré. Há quem diga que seus pés têm o formato de uma mão de pilão. O Mapinguari emite um grito semelhante ao grito dado pelos caçadores.



Se alguém responder, ele logo vai ao encontro do desavisado, que acaba perdendo a vida. A criatura é feroz e não teme nem caçador, porque é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda. Os ribeirinhos amazônicos contam muitas histórias de grandes combates entre o Mapinguari e valentes caçadores. O Mapinguari sempre leva vantagem e os caçadores que conseguem sobreviver, muitas vezes ficam aleijados ou com terríveis marcas no corpo para o resto da vida. Há quem diga que o Mapinguari só anda pelas florestas de dia, guardando a noite para dormir. Quando anda pela mata, vai gritando, quebrando galhos e derrubando árvores, deixando um rastro de destruição. Outros contam que ele só aparece nos dias santos ou feriados. Dizem que ele só foge quando vê um bicho-preguiça. O que ninguém explica é porque ele tem medo justamente do seu parente, já que é considerado um bicho-preguiça pré-histórico.

Lenda do Curupira

O Curupira é o guardião das florestas e dos animais. Possui traços indígenas, cabelo de fogo e os pés virados para trás. Dizem que possui o dom de ficar invisível. O curupira é o protetor daqueles que sabem se relacionar com a natureza, utilizando-a apenas para a sua sobrevivência. O homem que derruba árvores para construir sua casa e seus utensílios, ou ainda, para fazer o seu roçado e caçar apenas para alimentar-se, tem a proteção do Curupira. Mas aqueles que derrubam a mata sem necessidade, os que caçam indiscriminadamente, estes têm no Curupira um terrível inimigo e acabam caindo em suas armadilhas. Para se vingar-se, o Curupira se transforma em caça. Pode ser uma



paca, onça ou qualquer outro bicho que atraia os caçadores para o meio da floresta, fazendo-o perder a noção de seu rumo e ficar dando voltas no mato, retornando sempre ao mesmo lugar. Outra forma de atingir os maus caçadores é fazendo com que sua arma não funcione ou fique incapaz de acertar qualquer tipo de alvo, principalmente a caça. Na realidade, a lenda do Curupira revela a relação dos índios brasileiros com a mata. Não é uma relação de exploração, de uso indiscriminado, mas de respeito pela vida.

Lenda do Pirarucu

Pirarucu era um índio que pertencia à tribo dos Uaiás. Era um bravo guerreiro, mas tinha um coração perverso, mesmo sendo filho de Pindarô, um homem de bom coração, chefe da tribo. Egoísta e cheio de vaidades, Pirarucu adorava criticar os deuses. Um dia ele aproveitou a ausência do pai para tomar índios da sua tribo como reféns e executá-los sem nenhum motivo. Tupã, o deus dos deuses, decidiu puni-lo chamando Pólo para que espalhasse o seu mais poderoso relâmpago. Também convocou Iururaruáçu, a deusa das torrentes, e ordenou que provocasse a mais forte tempestade sobre Pirarucu quando estava pescando com outros índios às margens do Rio Tocantins. O fogo de Tupã foi visto por toda floresta. Pirarucu tentou escapar, mas foi atingido no coração por um relâmpago fulminante. Todos que estavam com ele correram para a selva assustados. O corpo de Pirarucu, ainda vivo, foi levado para as profundezas do Rio Tocantins e transformado em um gigante e escuro peixe. Acabou desaparecendo nas águas e nunca mais retornou, mas por um longo tempo aterrorizou toda a região.



Lenda do Guaraná

Um casal de índios pertencente a tribo Maués vivia junto por muitos anos sem ter filhos. Um dia eles pediram a Tupã para dar a eles uma criança para completar suas vidas. Tupã, sabendo que o casal era bondoso, lhes atendeu o desejo dando a eles um lindo menino. O tempo passou e o menino cresceu bonito, generoso e querido por todos na aldeia. No entanto, Jurupari, o deus da escuridão e do mal, sentia muita inveja do menino e decidiu matá-lo. Certo dia, o menino foi coletar frutos na floresta e Jurupari aproveitou a ocasião para lançar sua vingança. Ele se transformou em uma serpente venenosa que atacou e matou o menino. A triste notícia se espalhou rapidamente. Neste momento, trovões ecoaram e fortes relâmpagos caíram pela aldeia. A mãe, que chorava em desespero, entendeu que os trovões eram uma mensagem de Tupã, dizendo que deveriam plantar os olhos da criança e que deles uma nova planta cresceria dando saborosos frutos. Assim foi feito e os índios plantaram os olhos da criança. No lugar cresceu o guaraná, cujas sementes são negras rodeadas por uma película branca, muito semelhante ao olho humano.

Lenda do Monte Roraima

Os indígenas da etnia Macuxi contam que antigamente, no local onde hoje existe o Monte Roraima, existiam apenas terras baixas e alagadiças, cheias de igapó. As tribos que viviam naquela área não precisavam disputar comida, pois a caça e a pesca eram fartas. Uma vez, nasceu um belo pé de bananeira. A estranha planta cresceu muito



rápido e deu belíssimos e apetitosos frutos. Os pajés avisaram a todos que aquele vegetal era um ser sagrado e que como tal seus frutos eram proibidos para qualquer pessoa da tribo. Eles disseram ainda que caso alguém desobedecesse a regra e tentasse comer uma fruta daquelas, desgraças terríveis aconteceriam: a caça se tornaria rara, as frutas secariam e até a terra iria tomar um formato diferente. Era permitido comer de tudo, menos os frutos da bananeira sagrada. Todos passaram a temer e a respeitar as ordens dos pajés. Mas houve um dia em que, ao amanhecer, todos correram para ver com espanto a primeira desgraça de muitas que ainda estavam por vir: um cacho da bananeira havia sido decepado. Todos se perguntavam, mas ninguém sabia dizer quem poderia ter feito aquilo. Antes que tivessem tempo para descobrir o culpado, a previsão dos mais velhos começou a acontecer. A terra começou a se mover e os céus tremiam em trovões. Todos os animais, da terra ou do céu, bateram em retirada. Um dilúvio começou a despencar e um enorme monte começou a brotar rasgando aquelas alagadas terras. E foi assim que nasceu o Monte Roraima. É por tudo isso que, até os dias de hoje, acredita-se que o monte Roraima chora quando de suas pedras caem pequenas gotas de água cristalina.

Lenda dos rios Xingu e Amazonas



A origem dos rios Xingu e Amazonas também faz parte do imaginário indígena. Dizem que antigamente era tudo seco. Na Floresta Amazônica não tinha água nem rio. A ave Juriti era a dona da água e a guardava em três tambores. Certo dia, os três filhos de Cinaã estavam com sede e foram pedir água para o passarinho. Ele não deu e disse:



- Seu pai é Pajé muito grande, por que não dá água para vocês? Eles voltaram para casa chorando muito. Cinaã perguntou porque estavam chorando e eles contaram. Cinaã disse para eles não irem mais lá que era perigoso, tinha peixe grande dentro dos tambores. Mas eles foram assim mesmo e quebraram os tambores. Quando a água saiu, Juriti virou bicho. Os irmãos pularam longe, mas o peixe grande que estava lá dentro engoliu Rubiatá (um dos irmãos), que ficou com as pernas para fora da boca do peixe. Os outros dois irmãos começaram a correr e foram fazendo rios e cachoeiras com a corrida. O peixe grande foi atrás levando água e fazendo criar o rio Xingu. Continuaram a correr até chegar no Amazonas. Lá os irmãos pegaram Rubiatá, que já estava morto. Cortaram suas pernas, pegaram o sangue e sopraram. Rubiatá virou gente novamente. Depois eles sopraram a água no Amazonas e o rio ficou muito largo. Voltaram para casa e disseram que haviam quebrado os tambores e que teriam água por toda a vida para beber.

Lenda da Matinta Perera

Conta a lenda, que à noite, um assobio agudo perturba o sono das pessoas e assusta as crianças, ocasião em que o dono da casa deve prometer tabaco ou fumo. Ao ouvi-lo, o morador diz: - Matinta, pode passar amanhã aqui para pegar seu tabaco. No dia seguinte uma velha aparece na residência onde a promessa foi feita, a fim de apanhar o fumo. A velha é uma pessoa do lugar que carregaria a maldição de Matinta Perera, ou seja, à noite transforma-se neste ser indescritível que assombra as pessoas. A Matinta Perera pode ser de dois tipos: com asa e sem asa. A que tem asa pode transformar-se em pássaro e voar



nas cercanias do lugar onde mora. A que não tem, anda sempre com um pássaro, considerado agourento. Dizem que a Matinta, quando está para morrer, pergunta: Quem quer? Quem quer?. Se alguém responder “eu quero”, pensando em se tratar de alguma herança de dinheiro ou jóias, recebe na verdade a sina de Matinta Perera.

Lenda da Vitória Régia

Há muitos anos, nas margens do majestoso rio Amazonas, as jovens e belas índias de uma tribo, se reuniam para cantar e sonhar seus sonhos de amor. Elas ficavam por longas horas admirando a beleza da lua branca e o mistério das estrelas, sonhando um dia ser uma delas. Enquanto o aroma da noite tropical enfeitava aqueles sonhos, a lua deitava uma luz intensa nas águas, fazendo Naiá, a mais jovem e mais sonhadora de todas, subir numa árvore alta para tentar tocar a lua. Ela não obteve êxito. No dia seguinte, ela e suas amigas subiram as montanhas distantes para sentir com suas mãos a maciez aveludada da lua, mas novamente falharam. Quando elas chegaram lá, a lua estava tão alta que todas retornaram à aldeia desapontadas. Elas acreditavam que se pudessem tocar a lua, ou mesmo as estrelas, se transformariam em uma delas. Na noite seguinte, Naiá deixou a aldeia esperando realizar seu sonho. Ela tomou o caminho do rio para encontrar a lua nas negras águas. Lá, imensa, resplandecente, a lua descansava calmamente refletindo sua imagem na superfície da água. A índia, em sua inocência, pensou que a lua tinha vindo se banhar no rio e permitir que fosse tocada. Naiá mergulhou nas profundezas das águas desaparecendo para sempre. A lua, sentindo pena daquela jovem vida



perdida, transformou a índia em uma flor gigante - a Vitória Régia - com um inebriante perfume e pétalas que se abrem nas águas para receber em toda sua superfície à luz da lua.

LEITURA REGIONAL AMAZÔNICA

Como já foi dito, durante muito tempo o colonizador foi o porta voz das histórias sobre o Brasil, e as narrativas regionais sustentaram-se pela oralidade, em um rico intercâmbio cultural.

Segundo Daniel Munduruku (2001), essas histórias aconteceram de verdade e marcam o modo de viver dos povos, no caso dele, o povo Munduruku, e é por causa delas que eles se mantêm vivos. Longo foi o processo de “esquecimento” e desvalorização das histórias amazônicas, por isso, é louvável o trabalho dos escritores que relatam a literatura amazônica, em especial, na literatura infantil e juvenil. Podemos destacar:

As aventuras do Zezé de Elson Farias;

Urubu albino de Zémaria Pinto;

O menino irmão das águas de Thiago de Mello;

Sonhos de Cuirão de Neuton Corrêa;

Formosa a sementinha voadora de Wilson Nogueira;

Cida, a macaca travessa de Leyla Leong;

Coleção Coisas da Ana de Ana Maria Peixoto – que aborda sobre o seu quintal e sobre as frutas e bichos da Amazônia;

Ararinha-Azul: o sumiço de Aldisio Filgueiras;

Origem da constelação da garça de Jaime Diakara.



Assim como, Evany Nascimento, com suas obras que relatam os aspectos patrimoniais da cidade, em especial os monumentos, seja por meio de obras mais técnicas, artigos científicos ou por meio de poesias. Além de Soraia Magalhães, com Lia sempre lia, Léo e seus amigos e Aí! Sou apenas um livrinho, livros que contemplam a importância do livro e da leitura.

Com este trabalho, esperamos incentivar a leitura desses autores. Observa-se que, na maioria das vezes, as obras possuem uma escrita marcada por enredos com simplicidade na relação com a natureza, apresentando temáticas voltadas aos rios, florestas, bichos, ritos, saberes milenares, crenças e seres encantados.

Apresentamos algumas iniciativas que tem como proposta divulgar as obras de autores regionais, de forma a fortalecer a cultura amazônica.

Semana da Literatura Amazonense

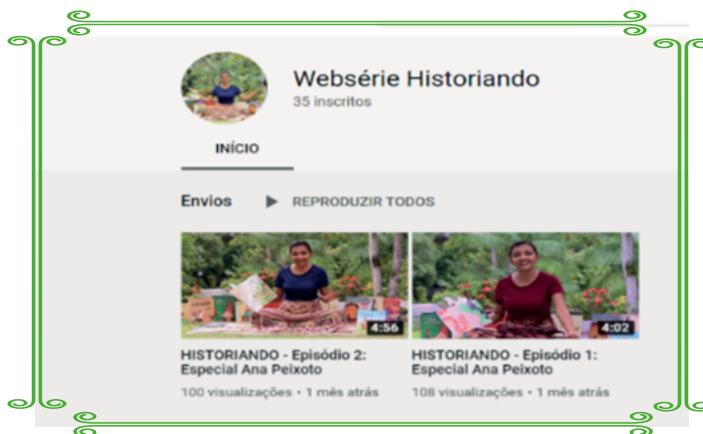
Instituída por meio da Lei Municipal N°882/2005, dispõe que o início do mês de abril seja destinado para trabalhar a temática da Literatura Amazonense nas escolas municipais de Manaus. Essa lei proporciona que a comunidade escolar e seu entorno conheçam, se apropriem e divulguem a literatura amazonense.

Websérie Historiando

Surge com o objetivo de proporcionar maior visibilidade às obras de autores regionais, o projeto traz narrativas de histórias que abordem o contexto Amazônico.

Na primeira temporada, trabalhou com obras da autora amazonense Ana Maria Peixoto, *Histórias de bichos da Amazônia e Quintal: um lugar de ser feliz*.

Imagem 27: Página do youtube do canal websérie historiando



Fonte: Autoral, 2020

O importante é que, ao compartilhar essas histórias, elas mantêm-se vivas e, assim, se preserva a identidade cultural de uma região ou um povo. É certo que é um trabalho constante e necessário divulgar nossas histórias regionais, para que elas se propaguem, se mantenham vivas em nosso imaginário e que se fortaleça nossa cultura tão rica.

Referências

BOT, C. M. A multiplicidade dos Brasis na versão de Darcy Ribeiro. *Meu Artigo*. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/sociologia/a-multiplicidade-dos-brasis-na-versao-darcy-ribeiro.htm>. Acesso em: 12 fev. 2020.

CONHEÇA as lendas da Amazônia que mexem com imaginário popular. *Portal Amazônia*, 22 de agosto de 2016. Disponível em: <https://portalamazonia.com/variedades/conheca-as-lendas-da-amazonia-que-mexem-com-imaginario-popular-del/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

COSTA, R. V. *A literatura infantojuvenil indígena amazonense: história, mito e memória*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Letras) - Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Parintins/AM, 2017. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/818/1/A%20literatura%20infantojuvenil%20ind%C3%ADgena%20amazonense%20%20hist%C3%B3ria%20mito%20e%20mem%C3%B3ria..pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

EDITORA VALER. *Editora Valer*. Disponível em: <http://www.editoravaler.com.br/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

FONTENELLE, G. Lendas e mitos típicos das cinco regiões brasileiras. *Viagem e Turismo*. Em 15 abril 2016. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/viagem-no-tempo/lendas-e-mitos-tipicos-das-cinco-regioes-brasileiras/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

RAFAEL, I. I. A. *Manaus como obra de arte: uma genealogia da literatura produzida no Amazonas*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA) - Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Manaus/AM, 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7716>. Acesso em: 12 fev. 2020.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



Histórias de assombração

Carolina Brandão Gonçalves

Lá para os lados do bairro da lagoa, perto de onde hoje fica o sítio do Fundão, antigamente tinha uma assombração que berrava pelas estradas noite a fora e causava terror aos moradores da região (Maurício Pereira, 2010, p. 18).

As histórias fantásticas envolvendo o sobrenatural, almas penadas, assombrações, presente nas narrativas orais da cultura popular ou nos livros de folclore no Brasil e do mundo, são expressões culturais típicas da criatividade e do poder sensível do povo em imaginar e criar conhecimento.

Muito antes do surgimento da Ciência, ou mesmo no início dela, as pessoas criavam suas próprias explicações sobre os fenômenos da natureza, da vida e até da morte. Todos os países do mundo têm suas lendas, sua mitologia e seus fantasmas.

As narrativas de assombração podem ser classificadas na literatura como pertencente ao gênero literário das histórias fantásticas. Lobisomens, almas penadas e mortos vivos, animais esquisitos, metade gente, metade bicho que se metamorfoseiam, escondem as coisas, somem e aparecem em um piscar de olhos, sem que se tenha tempo de acompanhar esse movimento. Existem na “boca do povo” algumas dessas histórias que foram capturadas por escritores, mas outras ainda estão limitadas a uns poucos contadores de causos.

Não faz muito tempo, era bastante comum uma reunião de família, onde sentados em roda, pais, filhos, parentes e amigos juntavam-se para prostrar, mas antes de encerrar as longas horas de conversas, costumava-se reservar o finalzinho para ouvir as histórias de fantasmas ou coisas esquisitas que apareciam e desapareciam inusitadamente. Fantasmas





vinham em sonhos oferecer tesouros a quem tivesse coragem de ir buscá-los, no local indicado, durante o sono.

Ainda consigo recordar quando, na cidade de Manaus, havia o hábito de se sentar nas tradicionais cadeiras de macarrão e balanço, postas nas calçadas, antes ou depois do jantar, momento em que se poderia sempre ouvir uma boa história. “Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância” (Casculo, 2014, p. 06).

O que explica o fascínio de contadores e ouvintes de histórias inverossímeis de seres sobrenaturais? Ainda pode ser um mistério! Talvez a adrenalina do medo, que provoca arrepios no ouvinte, ou um certo prazer sórdido do contador por ver os olhos arregalados e todos os sentidos alertas de quem está escutando a história, pronto para correr assustado a qualquer momento ou até mesmo ficar sem dormir.

As histórias de fantasmas são fenômenos mundiais, que vêm sendo contadas pela tradição oral, ou pela literatura. Na Europa, os personagens são camponeses, reis, rainhas, cavaleiros, princesas, habitantes de palácios ou de velhos casarões, na cidade e nos campos.



Imagem 28: Contos tradicionais do Brasil (Luís da Câmara Cascudo)



Fonte: Livraria Pública⁸

No Brasil, a depender da região, os personagens podem ser também muito variados e aparecerem nos lugares mais improváveis que se possa pensar. Museus, antigos casarões, fazendas, praças, escolas e por aí vai, a maioria tem histórias de almas penadas, que ficaram vagando e costumam vir assustar os desavisados.

No mote de alguns nomes que gostaríamos de indicar como autores brasileiros importantes que nos ajudam a conhecer um pouco mais desse universo capturado do folclore e preservados em livros: Câmara Cascudo, Ricardo Azevedo, Mauricio Pereira, para que sirvam, inclusive, como referências a quem quiser conhecer mais sobre esse gênero na literatura.

⁸ Disponível em: <https://livrariapublica.com.br/livros/contos-tradicionais-do-brasil-luis-da-camara-cascudo-luis-da-camara-cascudo/>



Câmara Cascudo foi um importante folclorista brasileiro e antropólogo. Sobre ele, destacam-se os numerosos trabalhos a respeito de superstições, lendas e tradições brasileiras, folclore e etnografia, áreas nas quais sua importância é incontestável.

Cascudo classifica os contos populares em: 1) **contos de encantamento**; 2) **contos de exemplo**; 3) **contos de animais**; 4) **contos religiosos**: contos de intervenção divina. Os africanos de Angola denominam *ji-sabu*; 5) **contos etiológicos**: “quer dizer que o conto foi sugerido e inventado para explicar e dar a razão de ser de um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural. Assim há contos para explicar o pescoço longo da girafa, o porquê da cauda dos macacos etc.” (Ribeiro, 1919, p. 20); 6) **demônio logrado**: todos os contos ou disputas em versos em que o Demônio intervém, perde a aposta e é derrotado. Parece necessário estabelecer o Ciclo, isto é, a reunião de contos e lendas derredor de um motivo único, o Demônio Logrado; 7) **contos de adivinhação**: a vitória do herói depende da solução de uma adivinhação, chamada enigma, tradução de gestos, decifração da origem de certos objetos; 8) **natureza denunciante**: o ato criminoso é revelado pela denúncia de ramos, pedras, ossos, flores, frutas, aves, animais; 9) **contos acumulativos**: contos em que os episódios são sucessivamente articulados. Fases temáticas consecutivamente encadeadas. A neve que prendeu o pé da formiga. Incluo nesta seção os Contos Sem-Fim e os Trava-Línguas; 10) **ciclo da morte**: nos contos em que aparece o diabo, este perde infalivelmente. A Morte, ao contrário, vence. Debalde o homem procura enganar, utilizando todos os recursos da inteligência, o pagamento fatal de dívida. Como esses contos têm assunto típico, inconfundível, seria lógico o Ciclo; 11) **tradição**: mantém padrões que não se alteram



com o tempo. Consideramos que os contos de assombrção podem se classificar em algumas destas variantes.

Imagem 29: Livro - Armazém do Folclore



Fonte: <https://www.amazon.com/Armaz%C3%A9m-do-Folclore-Ricardo-Azevedo/dp/8508074832>

Ricardo Azevedo: escritor e ilustrador paulista nascido em 1949. É autor de muitos livros para crianças e jovens. Possui bacharelado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo.

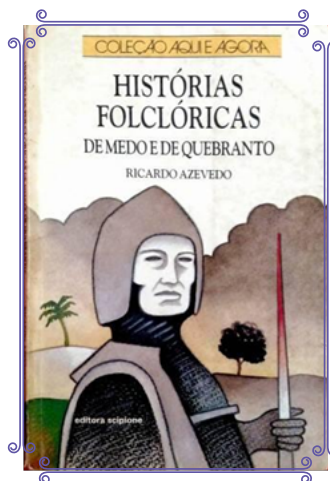
Azevedo é pesquisador de histórias da tradição popular e os apresenta em seus livros. Em contos de enganar a morte, narra sobre o assunto de modo cômico e leve.



Imagem 30 e 31: Livros de Ricardo Azevedo sobre fantasmas e outras assombrações



Fonte: Livraria Cultura⁹



Fonte: Colecionar de Sacis¹⁰

As narrativas orais, contadas pelo povo, emergem na literatura e se preservam ao longo do tempo. Isso é possível, justamente, por ter um ouvinte atento, talvez até mesmo uma criança que, ao crescer, desenvolve a capacidade de escrever o que ouviu para continuar a contar, mediante o livro, a outros escutadores.

9 Disponível em: <https://www3.livrariacultura.com.br/contos-de-enganar-a-morte-693150/p>

10 Disponível em: <https://coleccionadordesacis.com.br/2017/12/11/resenha-historias-folcloricas-de-medo-e-de-quebranto/>

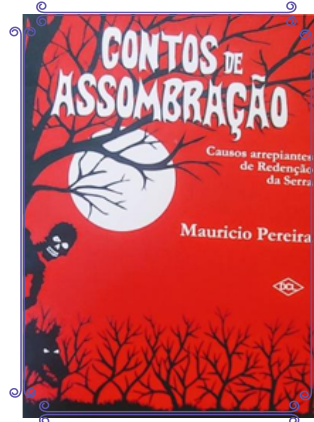


Imagem 32: Mauricio Pereira



Fonte: Foto do autor ¹¹

Imagem 33: Capa do livro



Fonte: Prados da Leitura ¹²

Mauricio Pereira (2010, p. 10) diz: “Cresci ouvindo causos de assombrações que marcaram a minha infância, contados a beira de um fogão a lenha, histórias que davam asas a minha imaginação e incentivavam os meus primeiros rabiscos, desde os meus três anos de idade”.

Assim, ler e contar histórias é uma experiência de compartilhar o imaginário, sonhos, tons de subjetividade que necessita de mediação, seja do livro ou da voz para espalhar o encantamento.

Tenho viva em minha memória os tempos que ia ao interior de Parintins, no Amazonas, onde meus tios e primos moravam em fazendas na beira do rio Ramos. À noite, os adultos sentavam-se para contar os causos da floresta, eram histórias de boto que encantava e engravidava meninas nas festas da comunidade.

¹¹ Disponível em: <https://revistaconexaoliteratura.com.br/entrevista-com-o-escritor-mauricio-pereira/>.

¹² Disponível em: <https://pradosdaleitura.wordpress.com/os-livros-da-vez/>.



Também sempre fui fascinada por um dia conhecer alguém que tivesse visto pessoalmente o Mapinguari, uma espécie lendária, bicho meio gente, com um olho só no meio da testa, que podia surpreender os que se atreviam a caminhar pela floresta.

Tudo isso era contado com o sentimento legítimo de espanto e verdade. Com o tempo, a televisão chegou nas cidades menores e mesmo nos lugares mais remotos deste Amazonas, mitos e lendas foram se desfazendo e os contadores foram, pouco a pouco, desaparecendo, pois as novas gerações já não acreditavam mais nesses seres lendários que habitava a imaginação do povo simples da mata.

Entretanto, algumas dessas narrativas orais foram preservadas nos livros de contadores de histórias e, mesmo hoje, ainda se pode resgatar algumas nas páginas de um texto. Mas nada supera a fala expressiva dos velhos contadores que narravam com emoção e surpresa a magia desses seres.

Não faz muito tempo em que fui lecionar para um grupo de professores da educação básica no município de Manicoré. Gentilmente, uma aluna nos convidou a ir jantar na casa dela. Depois de muita conversa, eis que o marido da moça nos surpreendeu dizendo que o Mapinguari havia sido capturado. Alguém do grupo de convidados, bruscamente, interrompeu a fala de quem contava o fato, numa repreensão repentina, dizendo que eram tolices, mas eu estava inebriada, e quase implorei que continuasse, eu precisava saber onde tinham prendido o Mapinguari.

Depois de repreendida, a pessoa meio intimidada contou que o bicho estava na delegacia. Então, claro que eu queria ver pessoalmente, pois nunca ninguém o viu. Mas, infelizmente, o bicho havia fugido. Assim, permaneceu o mistério, mas o amigo do amigo de alguém pode jurar que foi verdade.





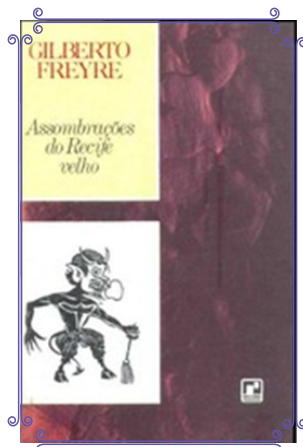
Muitas dessas histórias, do imaginário popular, têm como característica essa impossibilidade de dizer com precisão como são estes entes, pois costumam sempre ser vistos por uma terceira pessoa, ou seja, ouvem de alguém que não viu, mas que escutou de alguém que alguém contou.

A cidade de Manaus tem monumentos históricos como o Teatro Amazonas, o Colégio Estadual Dom Pedro II, o Palácio da Justiça e o Museu Amazônico – da Universidade Federal do Amazonas, entre outros. Todos esses têm uma história de visitantes que aparecem em horários inusitados, como a madrugada, por exemplo, em que as instituições estão fechadas ao público, quando alguém se aproxima somem como por encanto. Os guardas, geralmente testemunhas oculares dessas visitas, juram que todos não pertencem a esse mundo.

Se é verdade ou não, talvez seja o que menos importe, o que realmente parece interessar é dizer que talvez haja um outro mundo, invisível, onde artistas, comendadores do período áureo da borracha em Manaus, pessoas ligadas a estes casarões continuam a habitar em um universo paralelo, onde somente a imaginação é capaz de ter acesso.



Imagem 34: Capa do livro de Gilberto Freyre



Fonte: Estante Virtual¹³

Gilberto Freyre, um dos mais importantes sociólogos do Brasil, tendo construído uma obra inteiramente dedicada à **análise das relações sociais no período colonial brasileiro** e como essas relações contribuíram para a formação do povo brasileiro no século XX, escreveu um livro dedicado às histórias de assombração, intitulado *Assombrações do Recife velho*, obra repleta de casos misteriosos de fantasmas nos sobrados antigos de Recife.

Nas cidades antigas do Brasil, as pessoas costumam ter muitas histórias de assombrações, mas dependendo do lugar aonde aparecem, variam na forma e no conteúdo de suas aparições.

A maioria dessas histórias, que fazem parte do imaginário popular, costumavam ser contadas oralmente de geração em geração, mas muitas delas já foram registradas em livros. Hoje, com o advento da internet e dos recursos digitais, é possível encontrar sites que se dediquem a contá-las.

¹³ Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/gilberto-freyre/assombracoes-do-recife-velho/1534815159>



Imagem 35: Recife assombrado



Fonte: Logo do site Catarse¹⁴

O Recife Assombrado é um projeto que desenvolve narrativas de sustos e medos e pode ser encontrado na Internet onde se pode encontrar muitas histórias de almas penadas, tanto escritas em hipertexto, quanto em formato de podcast, como se fosse um rádio. Os narradores contam muitas dessas histórias e fazem entrevistas sobre o assunto, estabelecendo um diálogo interessante e divertido.

As histórias de medo exigem do narrador e do ouvinte um forte grau de imaginação, uma capacidade de se abstrair e penetrar na sutileza da história, imaginando-se como parte do cenário assombroso. Na verdade, toda contação de histórias requer a capacidade dos atores mergulharem no universo mágico e inverossímil das narrativas.

Contar e ouvir histórias requer um desprendimento das preocupações imediatas, uma capacidade de afastar-se do cotidiano e da rotina mecânica e se abstrair, um mergulho mais ou menos profundo

¹⁴ <https://www.catarse.me/users/296114>





naquilo que não se pode ver, mas sentir. Os contos de assombração geralmente costumam ser curtos e prendem o leitor ou ouvinte desde o início, pois a narrativa vai envolvendo os sentidos, tornando difícil abandonar a história antes que ela seja concluída.

Histórias de assombrações são universais, em vários países europeus contam-se algumas. Cada cultura tem uma tradição oral, passada de geração em geração. Algumas histórias podem ser felizes e heroicas, outras, aterrorizantes de almas sofridas, aparições que predizem ou evitam a morte aos humanos e malévolas entidades espirituais que protegem casas e a natureza.



Referências

CASCUDO, L. C. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2014.

FREYRE, G. *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

PEREIRA, M. *Contos de assombração: causos arrepiantes de Redenção da Serra*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2010.

RIBEIRO, J. *O folk-lore*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1919.



Selma Lagerlöf, primeira mulher a ganhar o Nobel de Literatura: algumas pitadas de medo

Soraia Magalhães

Sintram, cujo maior prazer é disfarçar-se de Diabo – com cornos, cauda, casco de cavalo e tronco peludo – e irromper de repente, dos cantos escuros, do forno do padeiro ou dum barracão de lenha para assustar crianças e velhas supersticiosas. Sintram adorava trocar uma velha amizade por um ódio fresco e envenenar um coração com mentiras. Sintram é o seu nome, e ele chegou a Ekeby (Lagerlof, 2017, p. 32).

Narrativas envolvendo o sobrenatural sempre motivaram o imaginário de narradores, escritores e ouvintes, até mesmo daqueles que sabem que depois não poderão dormir tranquilamente após conhecerem detalhes de algumas histórias misteriosas ou assombradas.

Eu sou um desses casos. Medrosa, mas curiosa e apaixonada por uma boa narrativa. Tive a oportunidade de conhecer a obra da escritora Selma Lagerlöf em seu país de origem, a Suécia, em 2012. Desde então, venho aprendendo com mais atenção e profundidade as nuances de suas produções que, em alguns casos, carregam surpreendentes visões sobre o humano e o fantástico e, por conseguinte, sobre o bem e o mal.

Selma Ottiliana Lovisa Lagerlöf nasceu em 20 de novembro de 1858 em Mårbacka, propriedade rural no oeste da Suécia, na província de Värmland. Uma lesão no quadril inviabilizou que andasse nos primeiros anos. A imobilidade fez com que mergulhasse com fascínio nas histórias e lendas fantásticas narradas por sua avó, já que não podia correr com seus irmãos pelas áreas da fazenda onde viviam. De família abastada, estudou em casa e, anos mais tarde, em uma faculdade para formação de professores em Estocolmo. Com a doença e morte de seu pai, a família teve que vender a propriedade (Mårbacka), onde havia crescido, condição que gerou na futura



escritora, além de dor, o desejo na luta por reaver a propriedade, objetivo que atingiu anos mais tarde com o dinheiro adquirido por meio de suas produções literárias.

Imagem 36: Selma Lagerlöf



Fonte: Guimarães, 2025.

Quando jovem, enquanto atuava como professora, Selma começou a escrever A Saga de Gösta Berling (1891), seu primeiro romance. Foi a partir daí que sua carreira efetivamente deslanchou, pois havia submetido alguns capítulos da obra para um concurso literário na revista Idun e o êxito viabilizou sua publicação.

Há elementos de medo nessa narrativa? Sim, ao menos para mim, que me assusto com temas envolvendo maldições, vinganças, feitiços. Nesse primeiro livro, há, inclusive, um capítulo intitulado “Contos de fantasmas”.

O livro em si consiste em uma história épica, cercada de passagens românticas e de realismo mágico. Narra as ações do belo e irresponsável Gösta Berling, ex-padre, que propenso ao alcoolismo e tendo sido salvo de morrer congelado na neve por uma rica proprietária de terras, passa a viver na casa dessa mulher junto a um grupo de ex-nobres chamados de “Os doze cavaleiros”. A beleza de Gösta Berling, a paixão que desperta nas mulheres, as necessidades de empenho junto aos trabalhos e as nuances da zona rural sueca são envolventes. No começo do livro, o leitor se depara com o personagem Sintram. A descrição de sua presença na trama é cheia de desconforto e pode causar algumas passagens pavorosas. A obra foi transformada em filme em 1924, com Greta Garbo no elenco.

Imagem 37: Gosta Berlins Saga



Fonte: Blog JashinConayr¹⁵

¹⁵ Disponível em: <https://ajanelaencantada.wordpress.com/2015/10/19/a-lenda-de-gosta-berling-1924/>

Ao aceitar escrever sobre histórias de assombração, poderia ter me reportado a outros autores clássicos que também já fizeram parte das minhas leituras e que continuam em alta, lidos e admirados, continuam servindo de inspiração para as novas gerações. Desses, como não citar Edgar Allan Poe e contos como *O Gato Preto*, *O Corvo*, *A Queda da Casa de Usher*, ou também obras como *O Retrato de Dorian Gray*, ou *O fantasma de Canterville*, ambos de Oscar Wilde. Ainda, nessa categoria clássica, há de se destacar Mary Shelley e sua obra *Frankenstein*, mas nesse sentido é possível observar que são poucas as autoras referendadas neste quesito, por isso, uma ótima oportunidade de apresentar para o público brasileiro um pouco da escritora Selma Lagerlöf.

Antes de comentar sobre algumas das obras que tive oportunidade de ler escritas por Selma Lagerlöf, que permeiam o universo mágico e que me provocaram sustos, devo, porém, continuar sua apresentação, haja vista um elemento muito significativo, já que ela foi a primeira mulher a ganhar um prêmio Nobel de literatura em 1909. Além de ter desenvolvido atuações feministas, Selma Lagerlöf tinha sensibilidade e respeito pelo direito dos animais e foi ativista ajudando pessoas durante o início da Segunda Guerra Mundial, tendo inclusive doado sua medalha do Prêmio Nobel para arrecadar fundos para a causa.

Um de seus livros mais famosos, *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson*, data de 1906 e nasceu a partir de uma encomenda. Professores suecos imaginaram que Selma poderia escrever uma história que contasse sobre as regiões do país e pudesse ser usada nas aulas de Geografia para as crianças. Selma criou uma narrativa admirável, que conta as aventuras vividas pelo menino Nils, que inicialmente preguiçoso e insensível, ao se comportar mal com um duende, é castigado tendo seu tamanho reduzido. Essa condição lhe possibilita viajar nas costas de um ganso doméstico junto a um grupo



de gansos selvagens por sobre várias regiões da Suécia. O livro traz grandes lições sobre amizade, solidariedade, respeito à natureza e aos animais. Prazerosa leitura, sobretudo para os adultos, sua popularidade o levou a ser traduzido em mais de 50 línguas. A obra gerou produções em formatos de desenhos animados.

A literatura produzida por Selma recebeu enorme influência das histórias orais, do folclore, das lendas e parte de suas criações estão ambientadas com informações populares tradicionais de seu país. Gnomos, duendes e fantasmas estão contidos em seus romances, contos e livros de memórias. Dentre as histórias que tive a oportunidade de ler e que trazem aspectos do tema desse artigo, ou seja, fantasmas e medo, posso destacar o romance *A lenda de uma Quinta Senhorial* (En herrgårdssägen - 1899); *O Carroceiro da Morte* (Körkarlen - 1912); *O anel do General* (Löwensköldska Ringen - 1925), além do conto *Por que o papa viveu tanto*, contido no livro de *Saga em saga*. Segue algumas informações gerais sobre cada uma dessas obras:

A lenda de uma Quinta Senhorial (En herrgårdssägen)

O livro foi publicado em 1899 e pode ser definido como uma história de amor, pois descreve a relação de um jovem estudante apaixonado pela música e seu violino. Herdeiro de uma fazenda, que havia sido próspera, recebe informações de que a propriedade começa a entrar em decadência. Apesar de ter se comprometido a não mais tocar o violino e estudar, o protagonista, Hede, escuta da janela de seu quarto o som de um violino. Sem resistir, desce ao encontro do músico e nesse momento conhece Ingrid, a filha do tocador de violino.



Hede decide deixar os estudos, se dedicar a música e, pensando ganhar um bom dinheiro, faz uma tentativa de transportar cabras de uma região para outra, mas sem planejamento. Com o frio repentino, acaba perdendo todos os animais, o dinheiro e também sua noiva. O impacto da perda é tão grande que ele enlouquece. A história está dividida em duas partes e dá um salto no tempo. A menina, Ingrid havia perdido o pai e sido adotada por outra família. Anos mais tarde, apresentando estágios de depressão é dada como morta e colocada em um caixão para ser enterrada no dia seguinte. Ocorre que por obra do destino, seu salvador será justamente o jovem violinista que ela amou desde que o conhecera ainda muito jovem. Aqui, uma descrição das sensações de Ingrid no seu ambiente de sepultamento:

E que escuridão! Nas últimas noites de doente, o quarto estava tão bem iluminado [...] e por que a deixavam descoberta? O frio era tão grande, que se sentia enregelada. Procurou levantar-se e puxou a coberta para si, mas bateu com a cabeça de encontro a tampa do caixão, e com tanta força, que tornou a cair para trás. Soltando um pequeno grito de dor. Machucara-se bastante, perdendo os sentidos. Imobilizara-se como se a vida tivesse fugido novamente (Lagerlöf, 1943, p. 48).

O livro reflete sobre doença mental, desencontros, preconceitos e luta por superação. Não há fortes elementos envolvendo mistérios sobrenaturais, contudo, o momento mais intrigante ocorre quando Hede, que todos haviam passado a chamar de louco, caminha pelo cemitério, enquanto Ingrid está viva no caixão. Seu salvamento, se dá por meio desse encontro. O desenrolar da história é muito bonito. Basta saber se o amor ao final triunfará.



O Carroceiro da Morte (Körkarlen)

É a última noite do ano e o livro inicia descrevendo as condições da enfermeira Edit, jovem que, trabalhando no Exército de Salvação, com doentes infectados por tuberculose, havia contraído a doença, tornando-se enferma e moribunda. Em seu leito de morte, pede para chamar David Holm, sujeito alcoólatra, duro, vingativo, que havia passado por tratamento da mesma doença. Em outra parte da cidade, David Holm e outros dois homens se embriagam junto ao adro da igreja. É próximo da meio noite quando um deles conta uma antiga lenda que diz que o último homem que morrer na virada do ano e for cheio de pecados passará a ocupar o papel de carroceiro da morte por um período de um ano. Quando os companheiros de bebida tomam conhecimento de que Holm havia se recusado a atender o pedido de ir ao encontro de Edit (ela era muito respeitada por todos), iniciam uma briga e o acertam com um soco no peito, fazendo com que deite golfadas de sangue pelo chão. É nesse estado que Holm percebe que:

Mal o relógio vibrava a última badalada, atravessou o ar um rangido agudo e dissonante. Ouviu-se depois com segundos de intervalo, como que proveniente duma roda mal ensebada, mas era tão desagradável que só o poderia produzir o mais horrível de todos os veículos. Angustiava os corações. Despertava pressentimentos de torturas, de todas as dores imagináveis. Ainda bem que ele não fora escutado pela maior parte das pessoas que aguardavam a chegada do ano bom (Lagerlöf, 1953, p. 158).





O livro foi escrito em 1912¹⁶ e se percebe elementos de inspiração do famoso Conto de Natal, de Charles Dickens. Não posso dizer o que acontece a partir desse ponto, mas a relação entre o real e mundo dos mortos e fantasmas se manifesta de forma surpreendente. Apesar das passagens de medo, *O Carroceiro da Morte* é, na verdade, uma história de amor, inclusive, na condição de fantasma, Holm descobrirá o quanto era amado por Edit. O livro foi um pedido da Associação Nacional de Tuberculose, do governo sueco, que objetivava prevenir e conscientizar sobre as formas de contágio da doença.

Em 1921, *O Carroceiro da Morte* foi transformado em filme, sob a direção de Victor Sjöström. A obra é considerada, até os dias atuais, de enorme qualidade. Tentei assistir sozinha, mas tive medo. Tentarei novamente.

O anel do General (Löwensköldska Ringen)

A trama destaca o Rei Carlos XII, da Suécia, que, em reconhecimento à atuação de guerra realizada pelo General Löwensköld, decide presenteá-lo com um valioso anel. Orgulhoso do presente recebido, o General Löwensköld ordena a sua família para que o enterrem com a joia após a sua morte. Essa decisão cria as condições para desencadear um roubo, seguido de maldição que atravessa gerações.

¹⁶ Leitura feita a partir do livro *Da Vida e de Morte* (traduzido em Portugal), 1953.

O livro faz parte da trilogia *The Ring of the Löwenskölds* que possui dois outros títulos: *Charlotte Löwensköld* (1925) e *Anna Svärd* (1928), que infelizmente não pude ler pois não foram traduzidos para a língua portuguesa.

Quanto ao primeiro da trilogia, tenho uma edição impressa publicada em Portugal intitulada *O Anel dos Löwenskölds*. Contudo, enquanto escrevia essas linhas, não pude dispor desse exemplar, pois havia emprestado para amigos, fator que fez pesquisar na Internet e chegar à Editora L-Dopa, que tem a obra publicada no Brasil (esgotada em formato físico), mas que estará disponível para download gratuito durante o período de isolamento social provocado pelo Corona Vírus.¹⁷

Samuel Medina (2020) escreveu uma pequena reflexão a partir da leitura de *O Anel dos Löwenskölds*, assim a definiu:

[...] uma história de cobiça, roubo e maldição. Roubado da sepultura, o anel passa anos desaparecido, sem, contudo, deixar de determinar de forma implacável o destino das pessoas ao seu redor. A narrativa despretensiosa de Selma Lagerlöf conduz o leitor pelos infortúnios que vão se desenrolando. Há um certo tom de mistério que vai crescendo, transformando um enredo de suspense policial rumo a um terror sobrenatural (p. 1).

Selma Lagerlöf foi uma contadora de histórias das mais envolventes, porque criava lirismo em diversos momentos de seu vasto trabalho. No capítulo 7, do livro *O anel do General*, por exemplo, ao

17 Achei muito bonito o que a editora escreveu: Diante de uma ruptura social é importante promover compaixão, entendimento mútuo e crescimento interior. Por isso, decidimos disponibilizar todos nossos livros que ficaram esgotados em PDF para download gratuito. Se você baixar algum livro e encontrar valor nele, por favor indique para os seus amigos. Para solicitar o seu acesso o endereço: <https://ldopa.com.br/>



se referir ao fogo, nos brinda com esse bonito diálogo de uma chama com a alma de um humano:

Agora, numa noite de inverno, quando a gente se senta ao redor do fogo e está fitando silenciosamente as chamas já há algum tempo, o fogo começa a falar para cada um e para todos, com sua própria língua. “Irmã alma,” ele diria a algum, “você não é chama também? Por que você está tão pesada e triste?” “Irmã chama,” viria a resposta da alma humana, “passei o dia todo cortando lenha e cuidando dos assuntos da casa. Não quero fazer nada além de sentar aqui e lhe observar.” “Eu sei,” diria o fogo, “mas agora é noite, faça como eu, brilhe e cintile! Divirta e aqueça!” (Lagerlöf, 2015, p. 57).

O anel do General nos leva a refletir sobre a importância da memória e das tradições orais, sendo um daqueles livros que lemos de um único fôlego. É importante deixar claro que, em meio aos aspectos fantasmagóricos, há uma riqueza de informações que refletem sobre a própria sociedade sueca, mas também valores humanos que impactam a todos.

Relata a história do Papa Leão XIII, que era muito querido pelo povo, contudo, em um período em que já estava na altura de seus 80 anos, ficou muito doente e a notícia se espalhou deixando a população de Roma inquieta. Um sacerdote, que vinha visitar sua mãe idosa todas as noites, ao comentar com ela sobre a doença do Papa, disse que daria de bom grado sua própria vida se pudesse salvar a dele. A mãe, assustada, começa a alimentar a ideia de que se alguém deveria morrer pelo Papa, esse alguém deveria ser ela. Não contarei mais a partir desse ponto, mas deixo a seguinte descrição sobre o desenrolar dos fatos:



Avançando na rua, teve súbito a impressão de que um ser vivo pairava por cima de sua cabeça. Parou e olhou para o alto. Na obscuridade reinante entre as casas altas, pareceu-lhe discernir um par de asas enormes, acreditando mesmo ter ouvido o ruído de penas. - Que é isso? – fez ela. Mas não pode ser um pássaro. É muitíssimo maior (Lagerlöf, 1971, p. 207).

Por que o papa viveu tanto é um conto curto, com desfecho triste e surpreendente. A descrição a partir da possível chegada da morte pode causar algum tipo de inquietação. Optei por colocar esse último conto apenas para finalizar apontando que esse livro, que se chama *De saga em saga* é fácil de ser encontrado em diversas lojas de sebo do Brasil, a preços muito acessíveis. Contém 9 contos, dentre os quais *A rapariga do brejo Grande* (que foi transformada em filme em preto e branco e está disponível no Youtube), e *O balão* são os meus favoritos.

Você, que leu todo esse texto, deve ter percebido que sou apaixonada por Selma Lagerlöf, inclusive, em 2016, fiz um desenho para ilustrar esse sentimento.

Imagem 38: Reflexão



Fonte: Ilustração Soraia Magalhães

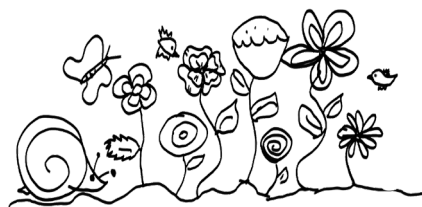


As criações da autora evocam questões sociais, paixões avassaladoras, descrições do modo de ser e de viver da vida rural e urbana da Suécia. Além disso, suas habilidades em tocar com delicadeza em temas relacionados ao mundo dos mortos e das sensações mágicas, tornam suas narrativas fascinantes. Sim, Selma propicia uma pitada de medo, mas com bases profundas quanto a sua visão do mundo real.

Desde que conheci a literatura de Selma Lagerlöf, tenho buscado dispor do maior número de obras da autora traduzidas para a língua portuguesa, por isso devo confessar que já possuo um pequeno tesouro.

Referências

- BIOGRAFICO. Selma Lagerlöf. *The Nobel Prize*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1909/lagerlof/biographical/>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- GÖSTA BERLINGS SAGA (1924). *IMDB*. (foto). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0014109/>. Acesso em: 3 jul. 2020.
- JANSEN, A. *Selma Lagerlöf*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1947.
- LAGERLÖF, S. *A Saga de Gösta Berling*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017.
- LAGERLÖF, S. *A lenda de uma quinta senhorial*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1943.
- LAGERLÖF, S. *Da vida e da morte*. Lisboa: Editorial Minerva, 1953.
- LAGERLÖF, S. *De saga em saga*. Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura. Rio de Janeiro: Editora Ópera Mundi, 1971.
- LAGERLÖF, S. *O Anel do General*. Tradução: Nils Skare. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015.
- MAGALHÃES, S. Selma Lagerlöf: Narrativas Maravilhosas. In: *Caçadores de Bibliotecas*. 9 fev. 2016. Disponível em: <http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2016/02/selma-lagerlof-narrativas-deliciosas.html>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- MEDINA, S. O anel dos Löwenskölds: do objeto ao desejo. *O guardião de Histórias*. 27 mar. 2020. Disponível em: <http://www.oguardiaodehistorias.com.br/2020/03/o-anel-dos-lowenskolds-do-objeto-ao.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.



O cordel como contação de história: presença no curso "Deixa eu te contar"

*Maria Lúcia do Nascimento de Oliveira
Carolina Brandão Gonçalves*



Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
Preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
e as estrelas lá no céu
lembram letras no papel,
quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?
(Leminski, 2012)

Além do oceano atlântico, em terras lusitanas, em pleno século XVI, atravessa o oceano no século XVII para terra que futuramente seria conhecida como Brasil. Foi plantado e semeado no sertão do nordeste brasileiro, conhecido por todos, desde o analfabeto ao letrado, lido e cantado, na companhia de violão ou só na voz do repentista. Abordando política, cultura, educação, amores, dia a dia e tudo mais que vivemos neste mundo. No cordel de Lima (1931), nomeado *Poetas e Cantadores* demonstra a descontração ao mesmo momento que aborda um assunto importante:

Aqui jaz André Clemente
Em improvisos artista;
E que foi tão repentista
Que até morreu de repente
(Lima, 1931, p.14).



O curso “Deixa eu te contar!”, que aconteceu em outubro de 2020, abordou a literatura de cordel como forma de contação de história. A literatura de cordel pode ser trabalhada em várias idades, para bebês até idosos, com apenas um fantoche ou até fantasia, com um violão ou materiais reciclados. Caso não possua nada disso, vai no improviso. Mariane Bigio (2014) possui um canal no youtube e demonstra como contar, recitar e escrever um cordel. Um exemplo é o cordel nomeado *jacaré banguelo*, segue um trecho da obra:

Um rapaz muito sabido
De codinome Zezinho
Apaixonado arriou-se
Pela filha do vizinho
Pedi socorro ao amigo
Um belo jacarezinho
[...]
“Marmelo, meu caro amigo”
Disse ele ao jacaré
“Me ajude por favor
Conquistar essa muié
E se acaso eu conseguir
Eu te pago um picolé!”
(Bigio, 2019).

A literatura de cordel perpassa a vida do povo brasileiro. Em algumas regiões, o cordel é ensinado desde a infância, em outras, os brasileiros vão conhecer já mais velhos, pela televisão, redes sociais ou até mesmo por indicação de algum amigo. A literatura de cordel atravessou a vida do cordelista entrevistado para compor essa pesquisa.



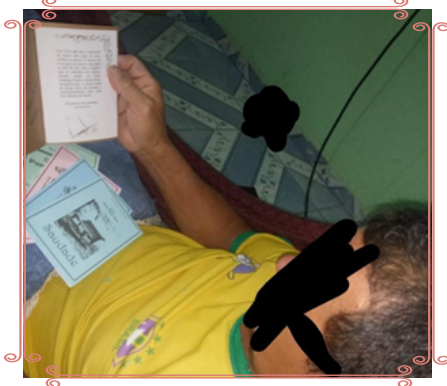
Desde a infância até os dias atuais, esse cordelista, que nasceu no Maranhão e foi para Manaus/Amazonas, no ano de 1990, à procura de melhores condições de vida e de emprego, carrega consigo ainda suas raízes. Aprendeu a ser repentista com seu pai e com o passar dos anos foi aperfeiçoando seus improvisos rimados e contação de história.

Com sua chegada na antiga Paris dos trópicos, como era conhecida Manaus no século XIX, o cordelista entrevistado juntou força e coragem para conquistar seus objetivos no novo estado. Mesmo com todos os desafios, não esqueceu dos seus cordéis. Em entrevista semiestruturada, o primeiro bloco tem o objetivo de recordar as experiências iniciais com o cordel.

Conheci na infância, ainda na escola e o cordel serviu para que eu aprendesse a ler. Na época aprendemos com as cartilhas, ABC e caligrafias. E o cordel era uma forma mais dinamizada de aprender a ler, porque a cartilha era muita repetição, mas o cordel era mais animado e contava muitas histórias engraçadas e curiosas (Cordelista entrevistado, 2024).

Com a apresentação desse trecho da entrevista com o cordelista é compreensível a importância do cordel na alfabetização, contrastando-o com os métodos tradicionais da época, como cartilhas e exercícios de caligrafia. Essa abordagem mais lúdica e narrativa do cordel não apenas tornou o processo de alfabetização mais agradável, mas também estimulou o interesse e a imaginação das crianças, evidenciando o valor do cordel como um recurso pedagógico eficaz e culturalmente relevante.

Imagem 39: Cordelista entrevistado lendo folheto de cordel



Fonte: Oliveira, 2024

No segundo bloco foi falado sobre Literatura de cordel e suas histórias, foi questionado sobre “Quais histórias vivenciadas com o cordel?”. O cordelista informa que “o cordel que mais me marcou foi o do João Grilo”, um menino muito sapeca que vivia aprontando pela cidade e sua mãe sempre preocupada. Com a morte da mãe, ainda na infância, o menino teve que se virar para conseguir sobreviver na sociedade. O cordel mostra um menino utilizando da sua esperteza para poder comer no fim do dia, pois muitos patrões, na história, queriam passar a perna no João Grilo e isso acontece também na vida real.

No terceiro bloco foi discutido sobre “O cordel como diferencial na educação”, com a seguinte pergunta: “Na questão educacional, o senhor observa que o cordel fez alguma diferença na sua leitura, escrita e aprendizagem?” O cordelista afirma: “Sim, com certeza. O cordel ajudou no avanço da minha leitura e na leitura de alguns amigos de infância.” As histórias ajudam nesse avanço por conta da curiosidade da criança, por querer saber o que está escrito naquele papel e qual história está sendo desenvolvida e o cordel com suas xilogravuras fazem fomentar ainda mais a curiosidade.



No quarto bloco tivemos a temática “O cordel nas novas tecnologias” com uma pergunta sobre: “Na tecnologia, como ela pode ajudar na divulgação dos ensinamentos do cordel?” Essa pergunta foi desenvolvida para discutir a migração dos folhetos de cordel para a internet, redes sociais, páginas, televisão, etc. O entrevistado afirma:

A tecnologia ajudou muito na divulgação das histórias de cordel. Lembro que aconteceu uma grande repercussão no programa “Encontro com Fátima Bernardes” com o cordelista Bráulio Bessa que todos os dias declamava um cordel resumindo o que tinha acontecido no programa. Isso ajudava a sensibilizar as pessoas sobre aquelas notícias. Vídeos cortados do programa mostrando somente o cordel do Bessa acaba viralizando nas redes sociais (Cordelista entrevistado, 2024).

No quinto e último bloco foi fomentado a questão das experiências atuais com o cordel. Sendo perguntado se hoje o cordelista ainda faz cordéis? Se sim, quais? Se não, por qual motivo parou? O cordelista (2024) declara que “Ainda faço rimas de forma oral e musicada, mas não escrevo e nem gravo, logo essas rimas se perdem no ar.” Segundo Walter Benjamin (1987, p. 197) “a arte de narrar está em vias de extinção” por conta, na época, da primeira guerra mundial e hoje, por conta da correria do trabalho, estamos cada vez mais “pobres em experiência comunicável e escrita”.

Por conta da correria acabou não conseguindo parar e passar para o caderno, mas pretendo voltar a escrever como fazia antigamente, dei até um caderno pequeno de cordel na época que namorava com minha atual esposa (Cordelista entrevistado, 2024).



A entrevista finalizou com agradecimentos e com algumas fotos tiradas do cordelista entrevistado. Foi gravado um vídeo do cordelista recitando um cordel do cordelista paraibano Edgar Diniz (2014, 2020) e ficou a seguinte reflexão: O cordel, de forma direta, ajudou muitas pessoas a aprenderem a ler e escrever. O cordel se apresenta como uma escrita sensível, uma escrita que traz esperança e que pode ser um grande aliado para os professores na sala de aula.

O projeto “Deixa eu te contar!” trouxe para o público um curso acessível, gratuito e com bons profissionais que ajudaram, e ainda ajudam, muitas pessoas a aprofundar a temática em várias situações e objetivos distintos. Para Schermack (2012, p. 13-14) “[...] no mundo das histórias [...] incentivando o gosto pela leitura e pela escrita através do estímulo da imaginação dos ouvintes”.

Na primeira unidade do curso, analisou-se a contação como um fenômeno humano natural que se constrói ao longo dos tempos. O livro, ou o livreto de cordel, se mostrou objeto de interação entre o contador e o ouvinte das histórias, tendo assim, as bibliotecas como lugares em potencial para a contação de histórias. “A biblioteca se configura como lugar privilegiado para essa atividade, já que entre suas funções reconhecidas, deve ser recinto educativo, cultural e de lazer” (Fleck; Cunha, 2017, p. 3).

No que se refere sobre a problematização de quem é o público da contação de histórias, foi destacado pela formadora 05:

é muito simples, todos podem contar história, do alfabetizado ao analfabeto, pois eles podem contar histórias orais ou escritas. Esse tópico poderia ser justificado de todas as formas possíveis, pois quem não gosta de uma boa história e como não amar um idoso contando histórias sobre sua juventude.



Mas Coelho (2001) afirma que, para cada faixa etária, há um determinado tipo de história e uma adequação e maneira a ser explorada, com intuito de respeitar a idade, a linguagem e também o tempo de concentração, pois até mesmo na história precisamos respeitar o desenvolvimento de cada ser ouvinte e leitor.

As principais variantes dos contos discutidos no curso são os contos clássicos da literatura infantojuvenil, as narrativas regionais do Brasil, as histórias mal assombradas, contação de história para popularizar a ciência e a literatura de cordel, mediante a literatura, muito conhecida pela população. Os participantes do curso conheceram algumas práticas de contação de histórias, bem como histórias de divulgação científica para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Contar histórias da literatura de cordel para pessoas de diferentes idades – crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos – é uma prática rica e transformadora que contribui para a formação cultural, educacional e social de cada faixa etária. Isso porque o cordel, além de ser uma expressão artística da cultura popular brasileira, carrega em seus versos uma vasta gama de temas, valores e ensinamentos que podem ser adaptados e aproveitados conforme o público.

O cordel estimula a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura. Os versos rimados e as histórias cativantes são capazes de prender a atenção das crianças, ao mesmo tempo em que apresentam valores éticos e morais. Além disso, a oralidade característica do cordel contribui para o desenvolvimento da linguagem e da memória.

Na adolescência, o cordel pode despertar o interesse pela cultura popular e pela história brasileira. Ele funciona como uma porta de entrada para reflexões críticas, abordando questões sociais, ambientais e identitárias de forma acessível e envolvente. Para muitos jovens, a interação com o cordel também incentiva a criatividade na escrita e no improviso.



Nesta fase, o cordel pode ser utilizado como ferramenta para ampliar o repertório cultural e estimular a valorização das raízes culturais. Ele também pode servir como meio de entretenimento e educação, abordando temas contemporâneos, questões sociais e desafios da juventude.

Para o público adulto, o cordel é uma forma de resgatar memórias da infância ou de se reconectar com suas tradições culturais. Além disso, pode funcionar como uma forma de aprendizado e reflexão sobre questões universais e regionais, sendo também um instrumento de debate e conscientização.

O cordel pode trazer um sentido de pertencimento e identidade cultural para os idosos, resgatando memórias e tradições de sua época. Contar cordéis para esse público pode ser uma atividade prazerosa, que reforça o vínculo com a cultura popular e promove momentos de socialização e alegria.

Por fim, o cordel, em sua simplicidade e profundidade, é uma linguagem universal que dialoga com todas as idades, promovendo a valorização da cultura popular e a construção de pontes entre gerações. Ao acompanhar o desenvolvimento dos alunos no evento do curso “Deixa eu te contar!”, foi observado que saíram satisfeitos com o curso, principalmente no que envolve a transposição de temáticas científicas para uma linguagem acessível, mediante as histórias.

Mediante o curso “Deixa eu te contar!” com o levantamento bibliográfico e entrevista com o cordelista, apontam a importância da contação de história, em específico a literatura de cordel, para as pessoas de todas as idades, bem como para a transposição de uma linguagem científica, para uma linguagem acessível ao público infantil. Foi exposto algumas possibilidades de práticas de contação e o motivo pelo qual as crianças devem ser mais expostas a leituras.



Ressalta-se a importância da valorização cultural mediante o cordel. Hoje o cordel não é considerado somente cultura do nordeste, mas do brasileiro de todas as idades e de todas as regiões. A orientação que cada história traz, em alguns momentos, pode salvar a vida de uma pessoa, como as fábulas que contêm uma moral no final, que pode fazer o indivíduo repensar sua posição no mundo.

O estudo trouxe uma contextualização histórica da literatura de cordel e como ela foi e é resiliente mesmo com o passar dos anos, também foi feito apontamentos reflexivos sobre as contações dos livretos, trazendo citações e propostas de intervenções. Resgata a experiência do cordelista e como o cordel fez diferença na sua vida.

O cordel, apresentado no curso “Deixa eu te contar!”, reforça que a história pode ser contada, ouvida, lida, apresentada de várias formas, dependendo de cada objetivo presente no planejamento do contador. Foi aprendido no curso que o ser humano tem a liberdade de contar a história de seu jeito e com sua espontaneidade, levando assim uma contação com várias interpretações, fazendo com que o ouvinte se sinta livre para interpretar de forma particular.

A motivação dessa escrita é deixar marcado a participação da literatura de cordel no curso “Deixa eu te contar!” da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em parceria com o Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e o grupo de Pesquisa Divulgação e Difusão Científica para a Educação e Ensino de Ciências no Amazonas (DDEECAM) que está eternizado na plataforma AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) da UEA.

Referências

- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197.
- BIGIO, M. *Marmelo, o jacaré banguelo*. 2014. Disponível em: <https://maribigio.com/2014/07/28/marmelo-o-jacare-banguelo/>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2001.
- DINIZ, E. *Educando em cordel: cordel na sala de aula*. Olinda: PE, Babeco, 2014.
- DINIZ, E. *Educando em cordel*. Youtube, 29 jan. 2020. 17min32s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZYDbHveLX4&t=4s>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V. Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do sul do Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ENANCIB XVIII, 2017, Marília (SP). *Anais [...]* XVIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/58896>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- LEMINSKI, P. Razão de ser. In: SEIDEL, M. F. Cena Vitória. Vitória, 2 abr. 2012. Disponível em: <https://cenavitoria.blogspot.com/2012/04/um-cordel-para-vitoria.html>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- LIMA, G. *Poetas e cantadores: improvisos e duelos*. Portugal: Angra do Heroísmo, 1931. p. 14.
- SCHERMACK, K. Q. *A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento*. 2012. 15 f. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Sobre os autores

Carolina Brandão Gonçalves

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (1999), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (2012) e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (2010). É professora titular da Universidade do Estado do Amazonas, professora do programa de Pós-graduação em Educação (mestrado) UEA e pedagoga do Museu Amazônico na Universidade Federal do Amazonas. Desde 2018, exerce o cargo de diretora da Divisão de Difusão Cultural do Museu, onde desenvolve práticas pedagógicas que visam atender os mais diversos tipos de público de diferentes idades (das crianças até os idosos). Possui experiência na área de Tecnologia na Educação, Divulgação Científica e atua, principalmente, nos seguintes temas: divulgação científica, tecnologias na educação, aprendizagem em espaços não formais, cultura e arte.

Evany Nascimento

Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (2014). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2003). Especialista em História e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Amazonas (2001). Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Amazonas (1999).

Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Artística e Metodologias do Ensino. Realiza pesquisa, consultoria e oficinas nas áreas de arte-educação, memória e patrimônio, história da arte, metodologia (pesquisa/estudo) e design urbano. Atualmente, é Professora da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Katty Anne De Souza Nunes

Mestra no Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal do Cariri - PPGB/UFCA. Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2011, com intercâmbio na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é bibliotecária na Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas - SES/AM, pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação da Informação e Circuitos de Formação Protagonista (GEMINFO), empreendedora na Kuau Experiências Formativas, com realização de cursos, palestras e treinamentos na área de Desenvolvimento Pessoal, Mediação da leitura literária e Biblioterapia. Além disso, é professora na Pós-graduação em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Keila Neves Da Mota

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - PROFEPT/IFAM/CMC (2023). Graduada em Pedagogia (2011). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2012) e Didática do Ensino Superior (2017). No âmbito profissional, é pedagoga e professora efetiva na Secretaria Municipal de Educação (SEMED/AM). Possui experiência na

área de Educação, na Supervisão, Coordenação e Orientação Escolar com ênfase em Educação Infantil, e em IES (Instituição de Ensino Superior) na rede privada. Atuou como docente em disciplinas de Estágio Supervisionado, Comunicação e Literatura Infantojuvenil, Antropologia Cultural, Ludicidade e Processos Pedagógicos, Fundamentos Metodológicos na Educação Infantil e demais que contemplassem o curso de Pedagogia (2015-2022).

Maria Lucia Do Nascimento De Oliveira

Graduada em Pedagogia (20241) pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pós-graduanda do curso, lato sensu, em “Pesquisa nos espaços educativos” (UEA) e “Docência para a Educação Profissional e Tecnológica” (IFCE). Finalizou o Ensino Médio no Instituto de Educação do Amazonas (IEA) em 2018. Participa do grupo de pesquisa nomeado “Divulgação e Difusão Científica para a Educação e Ensino de Ciências na Amazônia” da UEA, participou de projetos de extensão, PIBIC - AF, monitoria, residência pedagógica, estágios voluntários e remunerados.

Maria Nelciane Alencar Da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins (2010) e Especialista em Gestão Escolar e Psicopedagogia. Possui vasta experiência em Educação, com foco em Administração de Unidades Educativas. Atualmente, exerce liderança como Diretora de Creche na Secretaria Municipal de Educação, consolidando expertise em gestão educacional, desenvolvimento curricular e psicopedagogia.

Ricardo Lopes

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (2008), especialização em Comunicação Empresarial e Marketing pela UNINORTE (2015) e Ensino de Artes (ESAT-UEA). Atualmente gerencia a Central de Arte e Educação da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa onde coordena ações educativas e desenvolve parcerias com instituições de Ensino. Projetos em atividade: “Piquenique no jardim”, “Concertos didáticos” e “É hora de Brincar”. No Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro (LAOCS), atuou como Supervisor Pedagógico dos núcleos de Música popular, Teatro e Artes visuais. Fez parte da equipe de Supervisão Pedagógica do “Projeto Mudando a História”, pela Fundação Abrinq. Atuou como ator e diretor em grupos de teatro. Participou de três edições da Bienal Internacional do Livro de São Paulo (2002, 2006 e 2018), Festa Literária Internacional de Paraty-Flip no RJ (2011) e Feiras e Bienal do livro em Manaus atuando como mediador de leitura, formador e palestrante.

Soraia Magalhães

Doutora pela Universidade de Salamanca (Espanha), onde recebeu prêmio Extraordinário pela tese “Bibliotecas invisíveis: sistemas, cidades e representações sociais de bibliotecas públicas no estado do Amazonas, Brasil” (2021). É Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia e Graduada em Biblioteconomia, ambas pela Universidade Federal do Amazonas. Em 2022, se licenciou em Artes Visuais pela Instituição Claretiano. É ativista de ações voltadas para o campo das bibliotecas públicas. Em 2013, recebeu o prêmio Genesino Braga do Conselho Regional de Biblioteconomia, CRB-11 e figurou no Movers Shakers, do Library Journal, pela participação no Movimento Abre Biblioteca. É idealizadora do blog “Caçadores de Bibliotecas” e escritora de livros infantis.

Valdemir Oliveira

Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente, é professor titular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Possui graduação em Desenho e Plástica Bacharelado pela UFSM (1997), graduação em Desenho e Plástica Licenciatura pela UFSM (2004) e mestrado em Educação pela UFSM (2004). Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Design (UFSM). Membro do grupo de Pesquisa Intercidade da UEA. Realiza pesquisa, consultoria e oficinas nas áreas de arte-educação, dança-educação, gestão cultural, metodologia (pesquisa/estudo) e performance.

título Deixa eu te contar!
Curso de contação de histórias

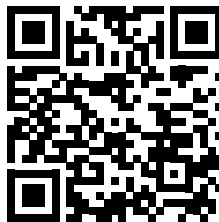
organizadoras Carolina Brandão Gonçalves
Evany Nascimento
Maria Lúcia do Nascimento de Oliveira

tipografias Diga
Pink Story
Playfull Rocket

número de páginas 156



para conhecer mais da *editora*UEA e de nossas publicações,
acesse o qr code abaixo



ueaeditora





purandu



editora
UEA

Museu
Amazônico
Universidade Federal do Amazonas



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO